

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

Marcelo Lício de Jesus

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: seu papel na formação de leitores e na  
disseminação da informação**

Rio de Janeiro

2015

Marcelo Lício de Jesus

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: seu papel na formação de leitores e na disseminação da informação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa Ma. Marília Amaral Mendes Alves

Rio de Janeiro

2015

J58

JESUS, Marcelo Lício de

Histórias em Quadrinhos: seu papel na formação de leitores e na disseminação da informação / Marcelo Lício de Jesus.– 2015.

62 f.: il. Color.; 30 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Formação do Leitor. 3. Educação. 4. Comunicação I. Alves, Marília Amaral Mendes, orient. II. Título.

CDD 028.7

Marcelo Lício de Jesus

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: seu papel na formação de leitores e na  
disseminação da informação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Biblioteconomia da Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel  
em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Marília Amaral Mendes Alves – Orientadora  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Profa. Ma. Daniele Achilles Dutra da Rosa  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Profa. Dra. Elisa Machado  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Os quadrinhos! Não li quase outra coisa. Conservo ainda com minha mãe uma coleção de 1927 de Corrieri dei Piccoli. Se pudesse filmar Flash Gordon ou o Fantasma, seria o mais feliz dos homens!

(Frederico Fellini)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelas oportunidades que me deram.

À minha esposa Rita, pelo apoio moral.

À minha orientadora, professora Marília Amaral, pelas sábias orientações.

À todos os professores da UNIRIO, por me darem a base para um novo começo.

À Isabel Grau, pela ajuda com os estágios.

À Marcos Miyata, pela consultoria com imagens.

Ao G11, por fazer com que a volta aos estudos depois de tanto tempo se tornasse algo divertido e menos difícil. Em especial à Suellen e Aline, que me fizeram enxergar a intercessão entre os quadrinhos e a biblioteconomia.

À Maria Jaciara, que abriu as portas para as fontes de informações usadas neste trabalho.

À Edilaine Correa, Hugo Abud, Rita de Cássia Scarpini e Waldomiro Vergueiro, pela gentileza e atenção nas entrevistas.

À todos os professores da UNIRIO, onde aprendi muito.

## RESUMO

Este trabalho aborda as histórias em quadrinhos, os benefícios de seu uso na formação de leitores e sua capacidade de disseminação da informação através da biblioteca ou em sala de aula. Enfatiza ainda a importância dos professores, pesquisadores e bibliotecários em fazer com que a imagem dos quadrinhos mude perante a sociedade acadêmica e o público em geral. Discute como os quadrinhos são vistos sob as óticas das Ciências Sociológicas, da Comunicação, da Biblioteconomia e da Pedagogia; discorre sobre o conceito mais amplo de leitura, o poder da imagem, e propostas de atividades práticas usando quadrinhos. Dada a importância chave do bibliotecário na disseminação das características informacionais dos quadrinhos, foi feita uma averiguação em quatro instituições paulistas envolvidas com atividades para dinamização de acervos ligados a quadrinhos. A escolha de São Paulo se deu pelo fato de ser uma cidade onde há maior quantidade de instituições com grandes acervos de quadrinhos. A partir do contato com pesquisadores e bibliotecários, aponta as boas práticas já consolidadas e discute o que ainda pode ser melhorado, podendo servir de inspiração para os bibliotecários que ainda não sabem como lidar com esse material.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Formação de Leitores. Disseminação da Informação. Práticas Pedagógicas.

## **ABSTRACT**

This paper deals with the comics, the benefits of their use in the formation of readers and their ability to disseminate information through the library or in the classroom. Also emphasizes the importance of teachers, researchers and librarians in making the comic book image change before the academic society and the general public. Discusses how comics are seen under the optics of Sociological Sciences, Communication, Library Science and Pedagogy; discusses the broader concept of reading, the power of the image, and proposals for practical activities using comics. Given the key importance of the librarian in the dissemination of informational characteristics of comics, an recognition was made in four São Paulo's institutions involved in promotion of activities and collections related to comics. The choice of São Paulo took place because it is a city where there are more institutions with large comics collection. From contact with researchers and librarians, points out the good practices already consolidated and discusses what can be improved and can serve as inspiration for librarians who do not know how to handle this material.

Keywords: Comics. Readers Formation. Information Dissemination. Education Practices.

## LISTA DE SIGLAS

Abrahq	Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos
BPE	Biblioteca Parque Estadual
CCA	Comics Code Authority
CBL	Câmara Brasileira do Livro
ECA-USP	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
HQ	Histórias em Quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RPG	Rolling Playing Games
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Yellow Kid.....	15
Figura 2 – Cosmic.....	17
Figura 3 – O Tico –Tico.....	19
Figura 4 – Selo do Comics Code Authority.....	20
Figura 5 – Turma da Mônica.....	22
Figura 6 – Capitão América.....	25
Figura 7 – Fritz the Cat.....	26
Figura 8 – A Chave.....	33
Figura 9 – Gibiteca Henfil.....	36
Figura 10 – Smurfs.....	45
Figura 11 – Tarzan.....	46
Figura 12 – Hagáquê.....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Autores / Títulos.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>Ótica das Ciências Sociológicas.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>Ótica da Comunicação.....</b>	<b>29</b>
<b>2.4</b>	<b>Ótica da Biblioteconomia.....</b>	<b>34</b>
<b>2.5</b>	<b>Ótica da Pedagogia.....</b>	<b>41</b>
<b>3</b>	<b>A LEITURA E OS QUADRINHOS.....</b>	<b>50</b>
<b>3.1</b>	<b>Leitura Ampla.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2</b>	<b>Leitura da Imagem.....</b>	<b>53</b>
<b>3.3</b>	<b>Formação de Leitores.....</b>	<b>55</b>
<b>4</b>	<b>AMBIENTES DE PESQUISA.....</b>	<b>58</b>
<b>4.1</b>	<b>Gibiteca Henfil.....</b>	<b>58</b>
<b>4.2</b>	<b>Biblioteca USCS - Campus Barcelona.....</b>	<b>59</b>
<b>4.3</b>	<b>Biblioteca da PUC-SP.....</b>	<b>59</b>
<b>4.4</b>	<b>Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.....</b>	<b>60</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>61</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro da entrevista PUC-SP.....</b>	<b>70</b>
	<b>APÊNDICE B – Roteiro da entrevista USCS.....</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICE C – Roteiro da entrevista Gititeca Henfil.....</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICE D – Roteiro da entrevista ECA-USP.....</b>	<b>75</b>
	<b>ANEXO A – Entrevista com a pesquisadora Edilaine Correa (PUC-SP).....</b>	<b>77</b>
	<b>ANEXO B – Entrevista com a bibliotecária Rita de Cassia (USCS).....</b>	<b>81</b>

<b>ANEXO C</b> – Entrevista com o bibliotecário Hugo Abud (Gibiteca Henfil).....	84
<b>ANEXO D</b> – Entrevista com o professor Waldomiro Vergueiro (ECA-USP).	87
<b>ANEXO E</b> – Carta de Autorização – Edilaine Correa (PUC-SP).....	90

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Vergueiro (2005), a partir do final da década de 1960 as histórias em quadrinhos se tornaram objeto de pesquisa acadêmica, levando muitas bibliotecas a inserir esse tipo de material em seus acervos. O problema é que o seu tratamento não foi o adequado, e a razão para isso se deve ao preconceito dos bibliotecários ao considerarem as histórias em quadrinhos como material apenas de lazer ou para passar o tempo. Contribuiu ainda o fato de desconhecerem a tipologia do material, as categorias de usuários, a quantidade e qualidade das informações que algumas obras dessa natureza possuem, podendo ser usadas por seus próprios valores ou de forma conjunta com outros materiais didáticos durante a formação acadêmica, até mesmo em nível superior.

Muito dessa visão distorcida sobre os quadrinhos tem como causa o não conhecimento e a falta de estudo desse veículo informacional durante a formação do bibliotecário, provavelmente em virtude da pouca produção científica na área da biblioteconomia. Verifica-se, ao menos em algumas faculdades conceituadas, uma mudança em relação à falta de importância dada ao tema. Vergueiro (2006) nos lembra que na USP, a partir do ano 2000, ocorre um aumento de teses e dissertações em cursos de pós-graduação. Isso se deve ao trabalho de alguns pesquisadores daquela Universidade, como o próprio Vergueiro, que coordenou o Núcleo de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos (NPHQ), criado em 1990, na mesma USP, atualmente conhecido como Observatório de Histórias em Quadrinhos.

O objetivo geral deste trabalho é sensibilizar os bibliotecários que ainda desconhecem as características dos quadrinhos, a respeito da importância dessa mídia, mostrando as qualidades que as capacitam como bons veículos na disseminação da informação, inclusive no âmbito acadêmico, para que seja dada mais atenção a esse material nas bibliotecas, pois tanto os profissionais e alunos no meio acadêmico quanto o público em geral têm muito a ganhar com essa interação. Os objetivos específicos são identificar as razões que levam o leitor a gostar de quadrinhos, verificar como é o tratamento dado a eles em bibliotecas e gibitecas, identificar as vantagens do uso da imagem associada à leitura, mostrar porque os quadrinhos são tão interessantes para trabalhar conteúdos relacionados a quaisquer assuntos e discutir o uso de quadrinhos na educação.

A metodologia utilizada foi estabelecer referenciais teóricos, através de um levantamento bibliográfico em livros, artigos e teses procuradas na BRAPCI e na BDTD com o tema *Histórias em Quadrinhos*, e informações colhidas em sites especializados. Após levantamento do material teórico foi feita uma seleção buscando os principais autores na área para aprofundamento a respeito do conteúdo e do tratamento que devem ser dispensados aos quadrinhos. Tendo essas informações em mãos, foi feito contato com instituições com grandes acervos ou foco em pesquisa nessa área dos quadrinhos: a Gibiteca Henfil, a biblioteca da PUC-SP, a biblioteca de São Caetano do Sul, campus Barcelona, e o Observatório de Histórias em Quadrinhos, da ECA-USP. O intuito foi conhecer o tratamento dado ao referido material, para servirem de inspiração para os bibliotecários que vierem a trabalhar com quadrinhos. A escolha dessas instituições, todas elas de São Paulo, se deve ao fato de que nesse estado estão presentes muitas bibliotecas com grandes acervos em quadrinhos, onde acreditamos que haja maior consciência do seu valor. As perguntas não foram exatamente iguais para cada entrevistado, mas buscou-se organizá-las na seguinte ordem: acervo, aquisição, local e tratamento do acervo, e por fim, atividades desenvolvidas com quadrinhos.

A partir do contato por e-mail com os bibliotecários e pesquisadores desses locais, entre agosto e dezembro de 2015, pudemos fazer um retrato do trabalho que fazem com quadrinhos, o que está funcionando bem e o que ainda está em fase de consolidação.

## 2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O conceito no Dicionário do Livro, se não chega ao ideal, ilustra, de uma maneira preliminar, como classificar uma história em quadrinhos: “episódio ou aventura narrados por meio de uma sucessão de desenhos sem legendas, sendo essas substituídas, dentro da própria gravura, por frases atribuídas às personagens intervenientes na história” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 380). Vergueiro (1998, p.118) explica que “as histórias em quadrinhos são um meio de comunicação de massa universal”. Sua capacidade de alcançar os mais variados tipos de pessoas em lugares diferentes é o que as tornam tão interessantes.

Não é possível afirmar exatamente quando e onde surgiram, pois vários países têm seus pioneiros. Nos primórdios da imprensa, já era possível encontrar materiais impressos com elementos pictóricos e linguísticos. Assim sendo, as histórias em quadrinhos, de alguma forma já existiam como meio de comunicação para as massas e evoluiu acompanhando o crescimento editorial da indústria do entretenimento. Porém, os quadrinhos como os conhecemos hoje em dia, só surgiram na metade do século XIX, onde havia um mercado cultural com características mais voltadas para o consumo de massa, devido ao avanço tecnológico da imprensa escrita, além de um ambiente artístico e criativo. (VERGUEIRO, 1998).

As histórias em quadrinhos são conhecidas por expressões diferentes em diversas partes do mundo. Nos países de língua inglesa, são chamadas de *comics*, *comic books* ou *comic strips*, expressões que remetem às características de comicidade de suas primeiras manifestações (VERGUEIRO, 1998).

Os franceses preferem chamá-las de *bandes dessinées*, devido à forma como os quadrinhos foram tradicionalmente publicados nos jornais, em forma de tira (bande). Essa expressão, traduzida de forma literal para o português gerou o termo banda desenhada, que foi incorporada pelos nativos de Portugal e algumas de suas colônias, que também costumam usar a expressão história aos quadrinhos (VERGUEIRO, 1998).

Já os espanhóis a chamam de *tebeos*, que é uma denominação derivada de uma popular revista dirigida a crianças e jovens, que publicava prioritariamente histórias em quadrinhos. Na América Latina, o termo mais usado são *historietas*, um dos menos indicados, por trazer uma certa carga pejorativa (VERGUEIRO, 1998).

Os japoneses, que sempre a constituíram como um dos mais populares meios de entretenimento, se referem a elas como *mangás*, um nome genérico que caracteriza o veículo onde são publicadas as histórias em quadrinhos (normalmente calhamaços de mais de duzentas páginas) (VERGUEIRO, 1998).

Os italianos usam a expressão *fumetti*, plural de *fumetto*, palavra que utilizam em referência ao balão no qual estão contidas as falas e pensamentos dos personagens dos quadrinhos (VERGUEIRO, 1998).

No Brasil, consagramos a expressão *histórias em quadrinhos* (HQ), como a de maior preferência, embora os leitores antigos e alguns novos continuem a utilizar o termo *gibis* quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral. Isto ocorre porque, de forma semelhante ao caso espanhol, existia uma popular revista publicada por aqui, de nome *Gibi* (VERGUEIRO, 1998).

Todas essas denominações mostram a universalidade dos quadrinhos, o alcance mundial que possuem, e também a busca por uma denominação que deixe clara as suas características básicas. A expressão brasileira *histórias em quadrinhos* e a portuguesa *histórias aos quadrinhos* são as que melhor explicam o que são e os elementos que as compõem: uma forma narrativa composta pela seqüência de quadros pictográficos. É um meio de comunicação que se expressa de duas formas: a linguística, representada nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons; e o pictórico, constituído pela representação de todas as ideias e cenários contidos na história (pessoas, objetos, meio ambiente, etc). Além desses dois códigos, as histórias em quadrinhos possuem diversos elementos que lhes são característicos, como o balão, as onomatopeias, etc. (VERGUEIRO, 1998).

Com relação ao desenvolvimento dos quadrinhos modernos, foi nos EUA, no final do século XIX, que eles começaram a mostrar sua forma atual, adquiriram autonomia, e se tornaram fator de aumento de venda dos jornais. No jornal New York World, de Joseph Pulitzer, foi produzido como atração do complemento dominical, o *Yellow Kid* (Figura 1), de Richard Outcault, em 1895; e posteriormente, no Morning Journal, de William Randolph Hearst, ambos de Nova Iorque (VERGUEIRO, 1998). Em 1897, Pulitzer apresenta *The Captain and the kids*, que pelas suas novas características de linguagem e expressão, será chamada de HQ (LUYTEN, 1985).

Figura 1 – Yellow Kid



Fonte: [The Yellow Kid](#)<sup>1</sup>

Do fim do século XIX ao início do século XX, as histórias em quadrinhos eram apresentadas no formato de tirinhas. As revistas (comic books) só surgiram na década de 1930, a princípio republicando as tiras que saíam nos jornais. Posteriormente, se estabelece como fenômeno de massa, caindo no gosto do público após o surgimento de heróis como Tarzan, Flash Gordon, Jungle Jim (Jim das Selvas, no Brasil), Terry and the Pirates e Líl Abner (Ferdinando, no Brasil), entre outras. A aceitação do público fez com que os editores vissem futuro nesse mercado e começassem a produzir obras inéditas nesse novo formato, com novos personagens e com conteúdos diversos, não mais apenas humorístico. Nesse período, no final dos anos 30, surgem dois dos personagens mais conhecidos das HQs. O primeiro super-herói, o Superman (1938), cujos criadores Jerry Siegel e Joe Shuster, venderam os direitos para as editoras por pequena quantia e perderam a oportunidade de ficar milionários; e o Batman (1939), de Bob Kane e Bill Finger, um dos mais populares e, assim como o Superman, posteriormente transposto para cinema e televisão (VERGUEIRO, 1998).

Na segunda década do século XX, surgem os Syndicates, grandes organizações voltadas para a distribuição dos quadrinhos nos Estados Unidos e no exterior, que passam a contratar diretamente os artistas, tirando dos jornais essa

<sup>1</sup> THE YELLOW KID. **Gallery**. Disponível em: [http://cartoons.osu.edu/digital\\_albums/yellowkid/1897/1897.htm](http://cartoons.osu.edu/digital_albums/yellowkid/1897/1897.htm). Acesso em 04 dez. 2015.

responsabilidade. Tiveram muita importância na popularização dos quadrinhos, definindo sua forma e seu conteúdo temático sob a ótica de mundo dos norte-americanos. Não é por acaso que as primeiras obras distribuídas continham histórias que giravam em torno do núcleo familiar de sua sociedade, conhecidas como *family strips*. (VERGUEIRO, 1998). Com isso, o modo de vida dos americanos acabou sendo conhecido pelas partes do mundo onde esses quadrinhos chegavam.

O mercado das HQs já passou por crises temáticas, como no período posterior à 2ª Guerra Mundial, devido a uma mentalidade retrógrada que pregava que quadrinhos eram prejudiciais à formação das crianças. Mesmo assim, conseguiram sobreviver e produziram novos ícones, como no renascimento na década de 1960, durante a qual muitos personagens foram criados ou retomados a partir dos anteriores, adaptados ao período histórico vivido pela sociedade norte-americana. Nessa década, surge uma das maiores editoras de histórias em quadrinhos do mundo, a Marvel Comics. Suas criações de maior destaque são: Spiderman (Homem-Aranha), Fantastic Four (Quarteto Fantástico), e os X-Men (VERGUEIRO, 1998). A fórmula dos heróis mostra-se gasta no início dos anos 70, obrigando os quadrinhos a sofrerem nova reformulação. As histórias deixam de ser focadas na luta do bem contra o mal e passam a conter temáticas sociais, refletindo o que acontecia nos Estados Unidos, na época.

Os anos 80 trouxeram outros elementos de renovação: as minisséries e as Graphic Novels, a princípio no mercado norte-americano e depois expandindo-se para o resto do mundo. A crise de venda nos anos 90 foi combatida com essa proposta, não inteiramente nova, mas com elementos diferentes, sendo edições luxuosas, em capa-dura e papel de melhor qualidade. Tanto as Graphic Novels quanto as minisséries traziam modificações nos personagens, e artistas renomados, com espaço para temáticas mais adultas, consideradas inadequadas para as séries regulares, além de experimentações gráficas. As experiências serviam também para medir a receptividade às mudanças dos personagens, pensando na reformulação das publicações periódicas, o que de fato aconteceu em vários casos. Com essa trajetória, as HQs firmam-se como um dos produtos mais característicos do século XX (VERGUEIRO, 1998).

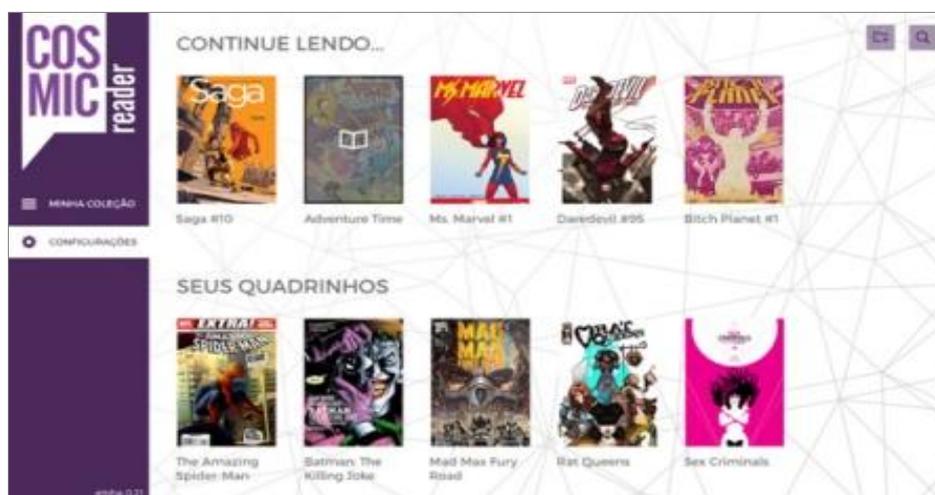
De acordo com Ramos (2012), na metade da década de 1980, já começaram a surgir quadrinhos que se utilizavam de recursos computacionais. No século XXI,

passamos a ver quadrinhos no mundo virtual, o que o quadrinista e professor universitário Edgar Franco chamou de HQTrônicas.

Uma iniciativa que pode trazer novidades no acesso aos quadrinhos é um projeto chamado *Cosmic* (Figura 2), um aplicativo de leitura digital que vai disponibilizar um acervo de HQs, com o intuito de estimular o trabalho de autores nacionais, seguindo o modelo de assinatura de streaming, como o Netflix (MOREIRA, 2014).

Porém, a mudança que seria mais interessante é a forma como as HQs são vistas pela sociedade. Relacionar as histórias em quadrinhos ao gosto popular, como cultura de massa, pode ter sido uma das causas dessa mídia ter sido durante muito tempo relegada a subliteratura, desconsiderada como arte ou objeto literário. Mas a verdade é que os quadrinhos são de fato objetos de arte e comunicação informacional, sendo um reflexo de cada sociedade e sua cultura. (ANDRAUS, 2006).

Figura 2 - Cosmic



Fonte: Pausa para Nerdices<sup>2</sup>

## 2.1 Autores /Títulos

Embora não se possa afirmar exatamente onde surgiram as histórias em quadrinhos, sabe-se que a Europa do século XIX era um dos lugares mais

<sup>2</sup> PAUSA PARA NERDICES. **Resenhas**. Disponível em <http://www.pausaparanerdices.com/2015/07/16/brasileiros-criam-cosmic-a-netflix-dos-quadrinhos/>. Acesso em: 04 dez. 2015.

favoráveis, pois sua vida cultural era muito rica, e mesmo tendo muitos analfabetos, a produção de folhetins distribuídos de porta em porta e jornais humorísticos ricamente ilustrados era muito alta. Nesses jornais surgiram os primeiros autores, como o alemão Wilhelm Busch, criador de vários personagens, com destaque para *Max und Moritz*, dois garotos traquinas que viriam a ser modelos para vários outros, com suas histórias moralistas. No Brasil, Olavo Bilac os rebatizou como *Juca e Chico* e traduziu seus textos, que eram em forma de versos (VERGUEIRO, 1998).

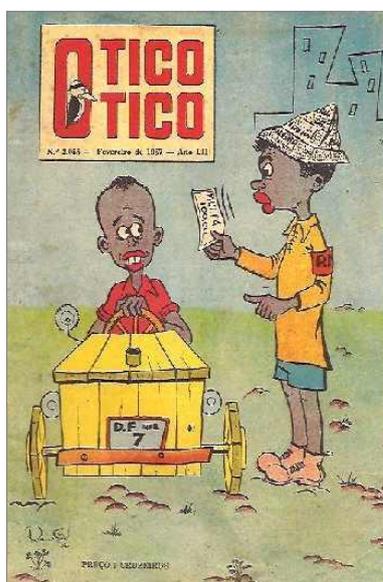
Alguns consideram o suíço Rudolph Topfer o grande criador das histórias em quadrinhos, com seu *Monsieur Vieux-Bois*, além de outros personagens de sucesso em sua época, onde já aparecem os balões usados nos quadrinhos de hoje. Os franceses costumam chamar para si a honra de serem os criadores das histórias em quadrinhos, pois Georges Colomb foi responsável por uma obra gráfica de qualidade e muito popular em sua época, embora ainda não tivesse balões (os textos eram colocados ao pé da página). Essa obra é a *Famille Fenouillard*, que é apontada por seus contemporâneos como a primeira história em quadrinhos (VERGUEIRO, 1998).

Os ingleses, por sua vez, afirmam que os quadrinhos surgiram em seus periódicos humorísticos, onde muitos deles já possuíam a palavra *comics* ou *funnies* em suas capas. Talvez a mais famosa dessas publicações seja a revista *Punch*, contendo desenhos inter-relacionados, que segundo os ingleses já caracterizavam o conceito de tiras em quadrinhos. Surge aí o personagem chamado *Mr. Briggs*, de John Leech, um dos maiores ilustradores dessa revista, que teria sido o primeiro a usar a palavra *cartoon* (VERGUEIRO, 1998).

Mais ou menos na mesma época desses artistas, tivemos também no Brasil nossos pioneiros. Um piemontês naturalizado brasileiro publicava personagens de mesma qualidade que seus colegas europeus. Chamava-se Ângelo Agostini, um ilustrador que trabalhou em revistas como *Diabo Coxo*, *O Cabrião*, *Vida Fluminense* e *O Mosquito*, com a costumeira veia satírica característica da época de seus contemporâneos. Isso lhe valeu, inclusive, problemas com a polícia da época do Segundo Império, e posteriormente da República recém-nascida. Embora nesse ano de 1864 seus trabalhos não contivessem elementos como balões e onomatopeias, já guardavam semelhanças com os quadrinhos atuais. Entre suas criações destacam-se os personagens *Nhô Quim* e *Zé Caipora*. Ângelo Agostini foi o responsável pelo logotipo de uma das revistas infantis mais populares do início do século XX: *O Tico-Tico* (Figura 3), publicada de 1905 a 1960 (VERGUEIRO, 1998).

Notamos que em matéria de pioneirismo, muitos podem ser citados, mas foi nos EUA, com a estrutura industrial jornalística voltada para o entretenimento e a informação, no final do século XIX, que houve condições para os quadrinhos virarem efetivamente um fenômeno de cultura de massa. Como já foi citado anteriormente, destaca-se o *Yellow Kid*, de Richard Felton Outcault. A partir da publicação desse personagem surgiram outros como *The Captain and the kids* (no Brasil, *Os sobrinhos do Capitão*), de Rudolf Dirks, provavelmente inspirados em *Max und Moritz*, de Wilhelm Busch; e *Krazy Kat*, do cartunista George Herriman, um triângulo amoroso entre uma gata, um rato e um cão policial (VERGUEIRO, 1998).

Figura 3 – O Tico-Tico



Fonte: Feedblitz<sup>3</sup>

De acordo com Ramos (2012), no ano de 1938, o uso de uniformes por heróis já não era algo inédito, pois desde 1936 já existia o Fantasma de Lee Falk. Porém, dois anos depois, começa o que ficou conhecido como a *Era de Ouro dos Quadrinhos* (QUADRINHEIROS, 2015a), em 1938, onde surgiu o gênero super-herói com o seu maior ícone, o Superman, de Joe Shuster e Jerry Siegel, publicada pela DC Comics, já no formato comic book, criado em 1933 por Max Gaines, e não mais

<sup>3</sup> FEEDBLITZ. **Galeria**. Disponível em:

<http://archive.feedblitz.com/93985/~4214082.Acesso> em: 04 dez. 2015.

em tiras. Nos meses seguintes surgem vários outros personagens, com destaque para o Batman, de Bob Kane. A *Era de Ouro* durou até meados da década de 1950, mais precisamente em 1954, onde a maioria dos heróis mostrava sinais de saturação. Surgia então, uma entidade reguladora das revistas de banda desenhada, o [Comics Code Authority](#) (CCA) (Figura 4).

O surgimento dessa entidade tem relação com o lançamento do livro *Seduction of the Innocent*, do Dr. Fredric Wertham, do mesmo ano, que argumentava que as histórias em quadrinhos favoreciam a delinquência entre os jovens, especialmente as de terror e crimes, que eram as mais vendidas na época. Os pais ficam preocupados e os editores, sentindo-se pressionados, organizam o CCA, que passa a controlar com rigor as edições norte-americanas. Quem não se submetesse ficava sem distribuição. Como os principais alvos foram as histórias policiais e de terror, campeãs de venda na época, isso acabou favorecendo o ressurgimento dos heróis, dessa vez reformulados, o que ficou conhecido como a Era de Prata (QUADRINHEIROS, 2015b).

Figura 4 – Selo do [Comics Code Authority](#) (CCA)



Fonte: Catspaw Dynamics <sup>4</sup>

A *Era de Prata dos Quadrinhos* (QUADRINHEIROS, 2015b), foi de 1955 até o início dos anos 1970, um período de avanços artísticos e de grande sucesso no gênero super-heróis, com destaque para Stan Lee, Jack Kirb e Steve Ditko, entre

---

<sup>4</sup> CATSPAW DYNAMICS. **The Comics Code Authority**. Disponível em: <http://www.catspawdynamics.com/comics-code-authority/>. Acesso em: 04 dez. 2015.

outros, criadores de vários personagens de sucesso. A existência do CCA fazia com que as histórias tivessem um tom de maravilhamento e inocência. Mas o mundo estava mudando, e o gênero mostrava novo sinal de desgaste. Com isso, várias revistas foram canceladas. Era hora de nova mudança. O fim da Era de Prata marca a presença de temas mais maduros e reais nas histórias em quadrinhos.

À Era seguinte alguns denominam de *Era de Bronze dos Quadrinhos* (QUADRINHEIROS, 2015c), que iria de 1970 até início dos anos 1980, onde houve avanços na maturidade artística, novamente com destaque para os super-heróis. Destacam-se nesse período escritores como Chris Claremont (X-Men), Roy Thomas (Conan, o Bárbaro) e Marv Wolfman (The tomb of Dracula).

Do início dos anos 1980 até a metade dos anos 1990, as histórias entram numa fase mais sombria. Sobressaem nesse estilo autores como Frank Miller, com “Demolidor”, “Sin City” e “300 de Esparta”; para Chris Claremont, com “Deus ama, o homem mata”; e para Alan Moore com “Watchmen” e “V de Vingança”. Após esse período até os dias de hoje, há uma mescla de estilos de histórias, sem nenhuma forma estabelecida que caracterize a época, como nos casos anteriores (QUADRINHEIROS, 2015d).

Falando agora de Japão, até antes da segunda guerra, os quadrinhos que faziam sucesso por lá eram as tiras americanas, como *Pafúncio* e *Marocas*, de George McManus. Após a derrota japonesa, surge o gênero que passou a fazer grande sucesso não somente no Japão, mas também na Europa e nas Américas: o mangá. No pós-guerra, diferente dos quadrinhos americanos, os mangás tinham impressões em preto e branco e eram editados em almanaques com muitas histórias, de muitos artistas diferentes, a um preço baixo. Um dos autores mais influentes foi Osamu Tezuka, criador, entre outros de *A princesa e o cavaleiro* (publicada no Brasil pela JBC) e *Astro Boy*, aqui no Brasil mais conhecida pela animação. Deve ser destacado também o pai do mangá mais dramático e realista, chamado de gekigá, que é Yoshihiro Tatsumi (RAMOS, 2012).

A propósito, passar dos quadrinhos para a TV era fato comum com os mangás, como foi o caso de Speed Racer, que surgiu nos quadrinhos de Tatsuo Yoshida, que produziu também a versão da TV. O grande mérito dos mangás foi mostrar que as histórias e os personagens poderiam ter um fim, ao contrário dos quadrinhos americanos, e nem por isso deixavam de fazer sucesso (RAMOS, 2012).

Aqui no Brasil, os mangás fazem enorme sucesso desde que foram publicados pela Conrad, no fim do ano 2000. Esse êxito só não chega perto do que acontece no Japão, onde a cada dez publicações editoriais, quatro são de mangás. Em nossas bancas, os jornalheiros tiveram que redimensionar seu espaço para que coubessem todos os títulos (RAMOS 2012). O pioneiro dos mangás por aqui foi Claudio Seto, com suas histórias de samurai na década de 1970, onde fazia referência a detalhes da cultura japonesa, o que é tradicional nesse tipo de material (RAMOS, 2012).

Não há como não falar de Mauricio de Souza, um caso raro na história dos quadrinhos brasileiros, que faz sucesso há mais de 50 anos com sua Turma da Mônica (Figura. 5), lançando mais recentemente a sua versão jovem. Ele não só conseguiu se firmar nesse mercado, transformando sua criação em líder de vendas, como foi indicado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2008), como um dos dez escritores mais admirados do país e assumiu a cadeira 24 da Academia Paulista de Letras, feito inédito a um autor de quadrinhos (RAMOS, 2012).

Figura 5 – Turma da Mônica



Fonte: Guia dos Quadrinhos<sup>5</sup>

<sup>5</sup> GUIA DOS QUADRINHOS. **Títulos**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/monica-e-sua-turma-n-1-edicao-historica-n-1/mo005104/28524>. Acesso em: 04 dez. 2015.

Edmundo Rodrigues foi um colecionador e autor brasileiro de HQ's, que antes de morrer, em 2012, pediu para sua produtora Ágata Desmond manter viva sua obra. Durante sua vida ele lamentava não ter podido ajudar seus colegas de profissão que mal conseguiam sobreviver. Após sua morte, seu desejo começou a ganhar forma. Ágata lançou a Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos (Abrahq), no Rio de Janeiro, empossando 20 artistas que passaram a ocupar cadeiras em homenagem a desenhistas já falecidos. Além de preservar um acervo com inúmeras raridades, a Abrahq tem por objetivo levar exposições gratuitas às escolas e centros culturais, já contando com o apoio do sindicato dos professores. Outro intento é ajudar artistas a se manterem no mercado e incentivar novos artistas. (PAINS, 2015).

## **2.2 Ótica das Ciências Sociológicas**

Mesmo com o intuito mercadológico inicial, os quadrinhos e os pré-quadrinhos (forma de quadrinhos que antecede sua origem) foram e continuam sendo uma forma de analisar as sociedades, suas transformações e desenvolvimento, funcionando como um espelho de nós mesmos. Se nos debruçarmos sobre uma revista em quadrinhos de algumas décadas atrás, poderemos ver representações de como vivíamos, ou seja, traços culturais significativos dos costumes sociais daquele período. Por exemplo, numa revista norte-americana, que é de mais fácil procura, como as dos super-heróis, notamos que a preocupação que lhes cercavam, vão mudando no decorrer de sua existência (SANTOS, 2003), como veremos em alguns exemplos mais adiante.

Utilizada como veículo de aglutinação das massas, as HQs são fonte de pesquisa da sociedade e ao mesmo tempo utiliza-se da mesma para se completar, já que em muitas oportunidades, o que está ali retratado somos nós, como nas pinturas das cavernas na Antiguidade, nos quadros da renascença e nas charges do período moderno de nossa história, numa verdadeira via de mão dupla (SANTOS, 2003).

Obra de arte? Porque não? Gênios da pintura e do cinema, provavelmente, assinariam em baixo dessa alegação. Criada, inicialmente como entretenimento, uma história em quadrinhos poderia ser um descendente distante dos desenhos rupestres. A arte utilizada pelos povos primitivos para registrar suas vidas, seu cotidiano, seus desejos, marcaram os primeiros passos da evolução do homem.

Óbvio que não podemos dizer que esse tipo de desenho, assim como as formas de manifestação artísticas que se seguiram, pertencem à história dos quadrinhos, mas não deixam de ter uma relação, a partir do momento em que elas tentam retratar o momento, o cotidiano que os quadrinhos também tentam espelhar (com exceção das inúmeras histórias de ficção científica e de fantasias) como pano de fundo para uma história (SANTOS, 2003).

Ainda no terreno das artes, é razoável dizer que os quadrinhos foram um passo para o cinema, pois neles se trabalha um roteiro, personagens, diálogo e quase tudo mais que um filme tem. Um dos maiores diretores da sétima arte, Federico Fellini, quando perguntado sobre esse assunto assim falou:

Histórias em quadrinhos são a fantasmagórica fascinação daquelas pessoas de papel, paralisadas no tempo, marionetes sem cordões, imóveis, incapazes de serem transpostos para os filmes, cujo encanto está no ritmo e dinamismo. É um meio radicalmente diferente de agradar aos olhos, um modo único de expressão. O mundo dos quadrinhos pode, em sua generosidade, emprestar roteiros, personagens e histórias para o cinema, mas não seu inexprimível poder secreto de sugestão que reside na permanência e imobilidade de uma borboleta num alfinete (SANTOS, 2003, p. 5).

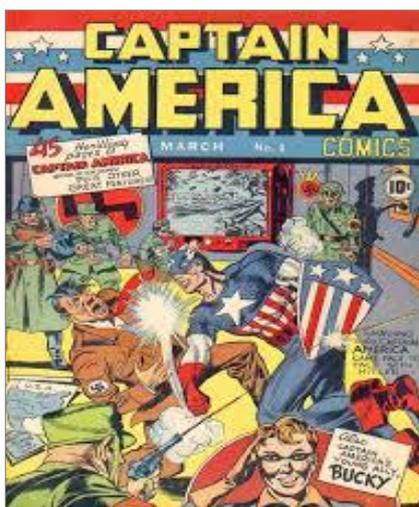
De acordo com Santos (2003), assim como o cinema, os quadrinhos se tornaram um espelho da sociedade, onde são retratadas as suas manifestações. A imprensa, um veículo de massa que estava em busca de cada vez mais leitores, foi um grande parceiro para a proliferação das histórias em quadrinhos. Os quadrinhos fizeram tanto sucesso que passaram a ser confeccionados de várias maneiras, passando a ser uma grande arma, utilizada tanto pela imprensa, como pelos governos.

Observamos, no decorrer do século XX várias situações que ilustram isso. Pouco antes da década de 1930, a sociedade americana acreditava estar vivendo um eterno milagre econômico, fato que foi por água abaixo com a crise de 1929. Tudo que eles precisavam naquele momento era de uma válvula de escape. Percebendo isso, os autores de quadrinhos se concentravam no estilo aventura, com a criação de mitos positivos, fazendo o leitor se sentir em outras realidades, à sua escolha: selva (Tarzan), outro planeta (Flash Gordon), tempos passados (príncipe Valente). Ainda na década de 1930, podemos citar as criações de Walt Disney, em que seus famosos personagens perpetravam mensagens subliminares no subconsciente das pessoas, como no caso do Tio Patinhas, que queria sempre

arrumar um jeito de ganhar mais dinheiro, sugestionando as pessoas a poupar mais, ou ainda, a Turma de Ferdinando, que chegou a sofrer críticas do governo, pois o modo de vida norte-americano era ridicularizado (SANTOS, 2003).

Uma das jogadas mais bem sucedidas, tanto em termos mercadológicos, como em efeito subconsciente foi o *Superman*, um personagem que tinha tudo o que a sociedade americana precisava na época, em crise econômica, e posteriormente às portas da segunda grande guerra: uniforme nas cores da bandeira americana, incentivando o patriotismo e sendo de forte apelo ideológico para acabar com a ameaça que rondava o mundo. Não por acaso em várias histórias, os personagens dessa época se voltavam contra o nazismo, sendo o mais óbvio de todos, o *Capitão América*, de 1941 (Figura. 6), cujo único propósito era esse, tanto que depois da guerra ficou momentaneamente sem rumo, voltando somente na década de 1960. Obviamente, do outro lado do front, na Alemanha, também haviam quadrinhos propagando o ponto de vista deles (SANTOS, 2003).

Figura 6 – Capitão América



Fonte: Marvel Comics<sup>6</sup>

Após o fim da guerra, como já dissemos, o livro do Doutor Wertham contribuiu bastante para a crise dos quadrinhos, considerando-os nocivos para as crianças. A reação só vem a partir da década de 1950, com a criação de quadrinhos

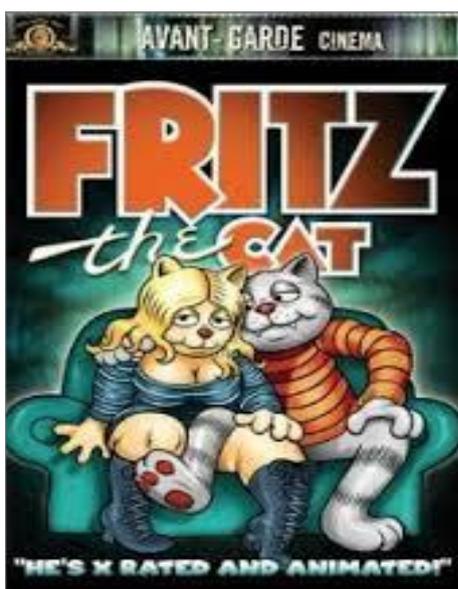
---

<sup>6</sup> MARVEL COMICS. **Comics**. Disponível em:

[http://marvel.com/comics/issue/7849/captain\\_america\\_comics\\_1941\\_1](http://marvel.com/comics/issue/7849/captain_america_comics_1941_1). Acesso em: 04 dez. 2015.

com características mais pensantes, como a revista MAD, onde a sociedade americana era criticada e satirizada. A partir de criações desse tipo é que surge uma nova cultura, conhecida como movimento *underground*, que era um tipo de arte que se insurgia contra a barragem cultural feita pelos *Syndicates* e pela censura da época (CCA), que impediam o surgimento e evolução de quadrinhos que não estivessem nos moldes conservadores, tendo como maiores prejudicados a expressão política e ideológica de muitos desenhistas. Isso fez com que muitos artistas trabalhassem de maneira artesanal, principalmente nas Universidades. Um dos personagens que melhor ilustram esse período é *Fritz the Cat* (Figura 7), criado em 1967 por Robert Crumb. É um gato estudante, contestador, poeta e revolucionário. Embora fizessem sucesso, esses personagens tinham vida curta por não possuírem apoio das grandes editoras (SANTOS, 2003).

Figura 7 – Fritz The Cat



Fonte: IMDb <sup>7</sup>

Na década de 1960 surgiram quadrinhos que influenciaram bastante as mulheres na sociedade. Foi a época de heroínas como Barbarella, criação do quadrinista francês Jean-Claude Forest em 1962, que acabava com o estigma da

---

<sup>7</sup> IMDB. **Fritz The Cat**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0068612/>. Acesso em: 04 dez. 2015.

submissão, servindo como um dos alicerces para a revolução feminina. Outros exemplos nessa linha são as personagens de Guy Peellaert, que falavam de liberdade sexual (SANTOS, 2003).

Nos quadrinhos da Margarida lançados no Brasil em 1986, pode-se traçar um paralelo com o livro *A terceira onda*, de Alvin Toffler (1980). A personagem era o retrato da mulher da Terceira Onda, que refletia os valores sociais disseminados pelo mundo a partir da década de 1960, em relação à redefinição do papel da mulher na sociedade contemporânea, mostrando a validade da versão brasileira da personagem no contexto sociológico (BAETA, 2009).

Destacam-se ainda, na década de 1960, as criações do americano Stan Lee, onde muitas histórias buscavam um significado intelectual, político e ideológico, entre elas, as do *Homem-Aranha*, que retratava manifestações sociais contrárias aos rumos do governo norte-americano; dos *X-Men*, mutantes que tinham como foco principal sua aceitação diante das pessoas (aqui pode-se traçar um paralelo com a questão de imigrantes, ou minorias); e do *Black Leopard*, uma referência ao grupo Panteras Negras, que lutava pelos direitos dos negros. Os anos 60 e 70 foram marcantes para as histórias em quadrinhos, pois foi uma época em que as histórias eram contadas com foco na realidade, participando e influenciando na história (SANTOS, 2003).

Muitas outras histórias pelo mundo foram produzidas com fins econômicos e ideológicos. Nos EUA, no período da Segunda Guerra Mundial, observamos uma forma de propaganda político-ideológica usando o Superman, enquanto que na extinta URSS, em outro período, havia uma personagem que lutava contra os regimes coloniais e a burocracia soviética. Na China comunista, as revistas em quadrinhos eram manipuladas pelos poderes estatais constituídos, para disseminar mais facilmente sua ideologia na sociedade chinesa. Ainda que nesses casos, tenham sido usados com fins de alienação, servem de suporte para estudos, pois eram parte do efeito da política de suas épocas (SANTOS, 2003).

Algumas ideias surgidas nos quadrinhos e seriados mudaram o mundo real. Durante a Grande Depressão em 1929, os Estados Unidos precisavam de um substituto para a carne, que fosse rico em ferro, para a população naqueles tempos difíceis. Após promover o espinafre nas tiras e nos desenhos do marinheiro Popeye, esse alimento foi alçado ao terceiro lugar na preferência das crianças (RAMONE, 2015).

O método de resgatar embarcações submersas usando bolinhas de pingue-pongue, criado pelo holandês Karl Kroyer em 1965, já havia sido usado pelo Pato Donald numa história de 1949 (RAMONE, 2015).

Numa história de 1967, um inimigo do Homem-Aranha usa no herói um bracelete para monitorá-lo. O juiz Jack Love, do Estado americano do Novo México, com problemas de superlotação carcerária em seu distrito policial, declaradamente se inspirou nessa história para criar o que viria a ser a tornozeleira eletrônica, usada hoje em vários países (ALMEIDA e CUNHA, 2012).

No final dos anos 40, a KKK (Ku Klux Klan) estava em ascensão. Um roteirista do seriado radiofônico do Superman infiltrou-se na organização racista, aprendendo códigos, sinais, *modus operandi*, entre outras informações até então secretas. O roteirista revelou todas essas informações em vários episódios do seriado, diminuindo consideravelmente as ações da seita e reduzindo seu recrutamento praticamente a zero (RAMONE, 2015).

Tais evidências mostram o alcance dos quadrinhos, e que sua história se mistura com o registro de nossa própria história, retratada em suas múltiplas formas. Estão disseminados nos mais variados estilos, por todo o planeta: América - super-heróis; Europa - fantasia, vide revista francesa *Metal Hurlant*, hoje sob o comando americano (no entanto, seu conteúdo continua sendo de criação europeia); América Latina - humor, com *Mafalda*, do argentino Quino ou *Los três amigos*, do trio brasileiro Angeli, Laerte e Glauco; Ásia, principalmente Japão - realismo e fantasia com um grande representante em *Akira*, de Katsuhiro Otomo. Todos eles revelam que a trajetória dos quadrinhos na sociedade ao longo dos anos reflete os acontecimentos, pensamentos ideológicos, fantasias ficcionais e realismo, enfim, registros históricos, do passado, presente e até mesmo previsões futuristas. (SANTOS, 2003).

### **2.3 Ótica da Comunicação**

De acordo com Andraus (2006), a partir da hegemonia da escrita científica, as imagens foram subvalorizadas como informação. Podemos observar, no dia a dia, que a linguagem visual é de grande importância na comunicação entre as pessoas, independente do idioma, como nas sinalizações de trânsito e nos ícones nos computadores. As histórias em quadrinhos, trabalhando conjuntamente imagem e

linguagem escrita, conseguem transpor barreiras idiomáticas ou culturais, facilitando o entendimento quando são usadas em manuais de montagem de aparelhos domésticos, cartilhas de normas de procedimento ou materiais para estudantes. Um depoimento de Waldomiro Vergueiro expressa a importância dos quadrinhos na comunicação:

O entendimento da importância social das histórias em quadrinhos implica na aceitação da premissa de que elas cresceram e se multiplicaram porque vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam um elemento de comunicação que esteve presente na história humana desde o seu início: a imagem (VERGUEIRO, 1998, p.120).

A imagem parece ser algo inerente e necessário ao ser humano, mas a racionalidade do homem pode ter contribuído para destacar a linguagem escrita, abrindo mão do lúdico e do imaginário, criando obstáculos para olhar com seriedade outras modalidades de expressão. Atrelar as histórias em quadrinhos ao gosto popular também pode ter contribuído para considerá-la subliteratura. O pesquisador francês Claude Moliterni se expressou dessa forma, sobre as críticas que os quadrinhos recebiam em determinada época:

pode-se encontrar do melhor e do pior na HQ, mas ela provou amplamente que era capaz de dar corpo a obras de uma qualidade equivalente ao que se faz em outras áreas como o cinema e a literatura. [...] (MOLITERNI, 1979, p.13 apud ANDRAUS, p.8).

As histórias em quadrinhos a princípio parecem óbvias, mas alguns detalhes não são percebidos por quem não se propõe a estudá-las, devido a sua forma simples e direta de comunicação. Elas trazem em sua estrutura de linguagem imagética e estática no plano bidimensional, um estímulo à imaginação do leitor. Os textos são escritos de maneira intermediária entre o formal e o coloquial, mas se mantêm fiel à escrita ortográfica, na forma gramaticalmente correta. As crianças ao lê-las trazem para si uma grande quantidade de informações, que as auxiliam no processo de alfabetização e ampliação do vocabulário, nas construções gramaticais e diálogos. Mesmo inconscientemente, as crianças usam a imaginação, vivendo um universo mítico, mas mantendo, pela interação entre as situações e personagens, através da língua nativa, um pé na realidade (ANDRAUS, 2006).

O teórico Tisseron (1990, p. 158 apud ANDRAUS, 2006, p. 204) observa que as histórias em quadrinhos afetam e dialogam com as mentes infantis, e mobilizam

benefícios psíquicos que não são de forma alguma comparáveis aos da aprendizagem escolar.

Estudos cerebrais usando tomografia computadorizada revelam que o desenho estimula o hemisfério direito do cérebro, trabalhando a criatividade. As histórias em quadrinhos têm uma composição visual rica, imagética, e quase não linear. O fato de serem compostas de imagens sucessivas quadro a quadro, ativa durante a leitura tanto um processamento central quanto periférico, já que enquanto o olho fixa um quadrinho, os quadros anterior (passado) e posterior (futuro) estão cobertos pela visão periférica. Junte-se a isso os textos fonéticos nas HQs, que são lidos pelo hemisfério esquerdo (racional e linear) e pode-se ter ideia da complexidade de uma leitura nessa mídia, ainda não totalmente mensurada cientificamente (ANDRAUS, 2013).

Em outra pesquisa similar, cientistas realizaram interessantes experimentos que demonstram que a leitura dos ideogramas chineses ocupa mais o hemisfério direito, pois é como se lessem imagens, ao contrário do esquerdo, pelo qual se assimilam os fonemas da escrita ocidental. Isso mostra a pluralidade das HQs em seu conteúdo, estrutura linguística e elementos, pendendo entre o literário escrito e o imagético. (ANDRAUS, 2013).

Muitas vezes, os pesquisadores e cientistas, no intuito de esclarecer melhor suas ideias, que nem sempre são de fácil compreensão, fazem uso das artes para metaforizá-las e torná-las mais acessíveis aos semelhantes. Foi Galileu Galilei que iniciou a forma de divulgação científica não acadêmica. Para escapar à condenação da igreja, Galileu procurou difundir o sistema de Copérnico em italiano na forma de diálogo entre professor e aluno, diferente da escrita formal. No século XIX, a ciência alcança sua maturidade, utilizando linguajar cada vez mais científico. Na segunda metade do século XX, vários cientistas, entre eles Einstein e Carl Sagan, deixam o discurso literário um pouco de lado para fazer um discurso autônomo e criativo para reflexão, mostrando as questões científicas escritas de forma distinta do aparato técnico. A boa divulgação é aquela que tem mais nexos com a literatura, mas como definir essa literatura? Talvez o que se procure seja a conjugação entre a informação *ipsis literis* científica com as metáforas e "ilustrações" derivadas da imaginação, deflagradas por questionamentos racionais, emocionais e intuitivos (MORA, 2000 apud ANDRAUS, 2006).

Incluem-se assim, as histórias em quadrinhos como possibilidade de leituras não só fonéticas, como também com imagens no uso de divulgação científica. O matemático Larry Gonick, que também é quadrinhista, produz histórias em quadrinhos de divulgação científica mesclando humor e informação factual, bem como caricaturas, baseados em fontes de pesquisa (ANDRAUS, 2006). Outro exemplo é o pesquisador Nick Sousanis, que teve aprovada sua tese de doutorado em Harvard, sobre a importância do pensamento visual no processo do ensino e da aprendizagem, toda ela feita em formato de quadrinhos (SOUZA CRUZ, 2015). O que se quer mostrar é que as histórias em quadrinhos são, além de entretenimento, um bom meio de divulgação de informações para qualquer área, trazendo conceitos ilustrados e metafóricos.

Alan Moore (2002, p.8 apud ANDRAUS, 2006, p.132), um dos autores de histórias em quadrinhos mais prestigiados da atualidade, fala sobre a leitura da imagem em contraposição aos textos, e também de um estudo feito pelo pentágono:

Da forma como eu compreendo a divisão entre o lado esquerdo do cérebro, e o lado direito, e em termos muito gerais, a metade esquerda lida com o racional, a linguagem, articulação de frases. A metade direita lida com o irracional, o inconsciente. Pode ser que a palavra seja a unidade de conta da metade esquerda, e a imagem seja a unidade de conta da metade direita. E há realmente algo de único na maneira como a banda desenhada combina palavras com a imagem. Eu sei que foram feitos testes no Pentágono, para apurar a forma de transmitir a informação de um modo mais direto e eficaz, de forma a que essa informação fosse retida, e concluíram que essa forma é a banda desenhada. Não é o texto sem imagens, nem o texto ilustrado. Penso que isso se deve ao fato de a banda desenhada apelar simultaneamente às duas metades do cérebro [...].

Para o pesquisador de quadrinhos francês, Thierry Groensteen, o analfabetismo icônico, que é falta de entendimento dos elementos que caracterizam os quadrinhos como linguagem visual literária, deve ser debelado. Ele afirma que, “ler histórias em quadrinhos é algo que foi perdido graças à desvalorização da leitura imagética, e precisa ser retomado (e ensinado), e, insiste-se, ainda mais, devido ao valor lúdico e necessário de comunhão do racional (cartesiano) ao emocional (intuitivo-imagético)” (GROENSTEEN, 2004 apud ANDRAUS, 2006, p.17).

Vejamos um exemplo de história sem linguagem escrita, para demonstrar como é possível passar toda uma gama de mensagens através das imagens, e como esse tipo de história pode ser um excelente exercício de interpretação. O escritor escocês Grant Morrison e o desenhista Rian Hughes desenvolveram a

história chamada “A chave” (Figura 8), para a Freedom 2014, uma iniciativa da rede de televisão BBC sobre o conceito da liberdade de expressão nos dias atuais (BBC Brasil, 2014).

Figura 8 – A Chave



Fonte: BBC News<sup>8</sup>

<sup>8</sup> BBC. *Magazine*. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-26730067>. Acesso em: 04 dez. 2015.

A história se passa em uma sociedade repressora num futuro em que quase tudo é proibido. Morrison explica que "é um Estado totalitário no qual a liberdade não está entre as prioridades. Nós temos então um rebelde que usa a chave amarrada a seu pescoço. A chave representa sua expressão individual. Com o Estado determinado a executar esse sujeito por sua dissidência, muitas pessoas percebem que possuem suas próprias chaves. Isso provoca uma avalanche e as pessoas começam a agir" (BBC Brasil, 2014). O herói dessa curta trama é uma figura sem rosto, cujo sexo não é definido. A ideia é que ele ou ela representa uma pessoa comum, alguém com quem qualquer um poderia se identificar (BBC Brasil, 2014). Do jeito que os quadrinhos foram dispostos acima, existe, ainda que de forma despercebida na maioria das vezes, um exercício de entendimento para saber qual a ordem certa de lê-los (da esquerda para a direita ou de cima para baixo).

## **2.4 Ótica da Biblioteconomia**

A sociedade, durante um tempo, considerou as histórias em quadrinhos materiais de segunda categoria, e isso dificultou sua inclusão no acervo das bibliotecas. Nas bibliotecas universitárias, elas não entravam devido à presumida falta de importância como objeto científico. Nas bibliotecas públicas e escolares, seus opositores a vetavam, devido a esses ecos que vinham de fora, sendo ferrenhamente contrários a qualquer possibilidade de colocar os quadrinhos a disposição do público, por meio de uma instituição cultural mantida pelos cofres públicos (VERGUEIRO, 2005).

Os profissionais responsáveis pelas unidades de informação talvez pudessem ter exercido influência para mudar essa realidade, mas não selecionavam os quadrinhos para suas bibliotecas por entenderem que eles não agregavam valor, segundo seus critérios de qualidade. Isto, porém, não era feito por má intenção, pois como a prática bibliotecária está sempre envolvida nas relações sociais de um determinado grupamento humano, as ideias que vinham de fora, como já foi dito antes, acabavam tendo sua influência no processo de trabalho interno das bibliotecas. A prova disso é que, a partir do momento em que a sociedade passou a ver os quadrinhos com outros olhos, a resistência na biblioteca também diminuiu, de modo que o cenário hoje em dia já é outro, embora ainda haja um bom caminho a ser percorrido (VERGUEIRO, 2005).

Mesmo que o número de quadrinhos nas bibliotecas aumente progressivamente, as unidades de informação que os incorporam regularmente a seus acervos ainda são exceção no país. Em muitas delas, esse material ainda encontra tratamento diferenciado em relação a livros, sendo tratado como literatura para passar o tempo, ou como chamariz para a leitura de livros considerados mais importantes, não existindo critérios para seleção ou sofrendo restrições para serem obtidos com recursos próprios. (VERGUEIRO, 2005, p. 6).

Felizmente, o número de bibliotecas que enxergam os quadrinhos como material diferenciado, como uma coleção especial, vem crescendo aos poucos. Nos EUA, existem muitas bibliotecas universitárias que possuem coleções especializadas de quadrinhos (SCOTT, 1990 apud VERGUEIRO, 2005, p. 6). No Brasil, nesse âmbito, já existem acervos especializados, como os da biblioteca da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Nas bibliotecas públicas, a perspectiva também passou a ser boa, depois do surgimento das chamadas *gibitecas*, instituições genuinamente brasileiras, que existem desde a década de 1980 e são dedicadas especialmente à coleta, armazenamento e disseminação de histórias em quadrinhos. Esse termo foi cunhado devido à primeira dessas instituições públicas, surgida em Curitiba, no Paraná, (VERGUEIRO, 1994). A gibiteca de Curitiba foi durante muito tempo uma iniciativa isolada, nunca foi inserida dentro de um serviço de informação tradicional, nem contava com um profissional de informação à frente, mas a ideia sempre foi adiante por conta do interesse de um grupo de pessoas que acreditavam no potencial das histórias em quadrinhos, conseguindo promover intensas atividades relacionadas à área, sendo muito mais do que uma coleção especializada (VERGUEIRO, 2005).

Provavelmente devido ao sucesso dessa gibiteca, de outras que se seguiram, e também de usuários que passaram a solicitar esse material, muitas bibliotecas públicas começaram a criar espaços específicos para quadrinhos. Na maioria das vezes, a iniciativa coube a profissionais que pensavam diferente de seus colegas. Mesmo não tendo apoio dos superiores, selecionavam e organizavam as coleções vindas de doações obtidas junto à comunidade, desenvolvendo ao mesmo tempo

atividades que envolvessem quadrinhos, para recompensar o apoio recebido das pessoas (VERGUEIRO, 2005).

A primeira gibiteca brasileira a surgir por iniciativa da própria administração municipal, dentro de uma biblioteca pública foi a Gibiteca Henfil (Figura. 9), órgão do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura do município de São Paulo. Das várias gibitecas espalhadas pelo Brasil, algumas são vinculadas a bibliotecas públicas; outras, à instituições privadas, e contam tanto com bibliotecários para administrá-las, como por voluntários da comunidade, ou ainda, por funcionários das administrações municipais. Os últimos anos têm mostrado a tendência de constituir gibitecas como parte integrante de bibliotecas públicas, dirigidos por profissionais capacitados, o que parece ser uma mudança na forma de pensar, entendendo-se a necessidade de prestar um serviço à altura do número de interessados (VERGUEIRO, 2005).

Figura 9 – Gibiteca Henfil (SP)



Fonte: Guia Folha de São Paulo<sup>9</sup>

Há muitos bibliotecários brasileiros que estão se conscientizando que, para proporcionar um bom serviço aos fãs de quadrinhos, é preciso conhecer a fundo as características desse meio de comunicação em massa, assim como os tipos de

---

<sup>9</sup> GUIA FOLHA DE SÃO PAULO. **Passeios / Exposições**. Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/passeios/2015/06/1644836-gratis-veja-exposicoes-passeios-e-espeticulos-para-curtir-sem-gastar.shtml>. Acesso em: 04 dez. 2015.

leitores, para poder realizar da melhor maneira possível as atividades ligadas ao desenvolvimento de coleções de HQs. Ter esses conhecimentos, e ainda conhecer as diversas fontes de informação sobre histórias em quadrinhos, sejam bibliográficas ou virtuais, são requisitos indispensáveis para se fazer um trabalho sério de documentação nessa área. (VERGUEIRO, 2005).

Conforme as histórias em quadrinhos aumentam sua influência na cultura popular, o interesse por elas também aumenta. Pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos tem surgido em diversas áreas (história, sociologia, artes, literatura, antropologia, educação, comunicação, etc.), aumentando a qualidade das informações disponíveis sobre eles. Hoje, com a internet, a quantidade de informações disponíveis cresceu enormemente. Uma simples busca no Google com o termo *comics* trará milhões de sites que tratam dos mais diversos assuntos da área, abrangendo sites institucionais de editoras, acadêmicos, pessoais (de autores de quadrinhos ou estudiosos do assunto), de personagens, organizados por aficionados de quadrinhos, etc. Mesmo se considerarmos a redundância das informações comuns no Google, podemos entender que o número de páginas no retorno da pesquisa indica o impacto atual dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2005, p. 16).

Para os profissionais de informação que irão atuar no provimento de acesso e na disseminação de histórias em quadrinhos, a identificação de fontes de informação seguras sobre elas são a garantia de um serviço de informação eficiente. Eis alguns sites brasileiros que oferecem uma boa quantidade de informações sobre quadrinhos:

- Guia dos quadrinhos: um grande banco de dados com informações sobre praticamente todas as HQ's já lançadas no Brasil, editoras, personagens e monografias na área. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/>;
- *Universo HQ*: site com muitas informações sobre o mundo dos Quadrinhos. Notícias, colunas, matérias, reviews e informações sobre eventos Disponível em: <http://www.universohq.com/>;
- *Revista Mundo dos Super-Heróis*: um dos poucos periódicos especializados em quadrinhos, publicada pela Editora Europa desde 2006;

- *Revista Nona Arte*: Revista eletrônica ligada ao Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP. Visa divulgar artigos científicos sobre quadrinhos e temas correlatos resultantes de pesquisas acadêmicas desenvolvidas por pesquisadores do Brasil e do exterior. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/index>.

Alguns sites estrangeiro (BUSSERT, 2005 apud VERGUEIRO, 2005, p.15):

- *ArtBomb*: site que apresenta resenhas de títulos sofisticados de histórias em quadrinhos. As resenhas podem ser buscadas por criador, título ou gênero. Disponível em: <<http://www.artbomb.net>>;
- *Comic Book Legal Defense Fund (CBLDF)*: site que busca defender os direitos dos autores de histórias em quadrinhos, oferecendo novidades, *links* de interesse, anúncios de convenções e relatórios que visam ampliar a conscientização sobre questões de censura na indústria de quadrinhos. Inclui também uma bibliografia sobre a censura de publicações, englobando artigos e livros selecionados sobre o tema. Disponível em: <<http://www.cbldf.org>>.

Com base no comportamento dos leitores de quadrinhos, é possível elencar algumas categorias, o que pode ajudar a identificar o que cada um procura, não necessariamente relacionando grau de exigência com idade. A saber (VERGUEIRO, 2003, p.13):

- *eventuais*: aqueles que usufruem das histórias em quadrinhos da mesma forma como utilizam todas as outras modalidades de leitura, sem qualquer predileção especial por esse meio de comunicação específico, com um conhecimento apenas superficial de autores ou títulos e tendendo a se concentrar naqueles de maior popularidade. Não buscam nada além da satisfação momentânea de suas necessidades de leitura de entretenimento, sendo guiados muito mais por motivos circunstanciais do que por qualquer ato consciente de escolha;
- *exaustivos*: os que lêem apenas histórias em quadrinhos mas não fazem qualquer tipo de seleção, consumindo à exaustão tudo o que for produzido pelo meio. Em termos etários, tendem a se concentrar nas camadas mais jovens da população. É possível supor que o número desses leitores diminui em proporção com o seu

envelhecimento: quanto mais velhos, menor é a probabilidade da leitura exclusiva de histórias em quadrinhos, já que surgem outros interesses a dividir sua atenção. No entanto, essa regra não é assim tão rígida. Algumas vezes, leitores exaustivos são também grandes colecionadores;

- *seletivos*: leitores que têm predileção apenas por determinados gêneros, personagens ou autores. Lêem tudo o que é publicado em sua área de interesse e buscam fazer a correlação de suas leituras com outros meios de comunicação de massa. Leitores seletivos também costumam, algumas vezes, ser colecionadores desses materiais;
- *fanáticos*: como o próprio nome diz, levam sua predileção a extremos. Não apenas lêem as histórias de seus personagens e títulos prediletos, como também procuram saber o máximo possível sobre eles, conhecendo minúcias de produção, características específicas de cada desenhista ou roteirista, evolução histórica do protagonista e coadjuvantes, etc. Constantemente, são também ávidos colecionadores de tudo que diga respeito a sua predileção, englobando publicações de todos os tipos que se relacionem com ele, bem como filmes e suas trilhas sonoras, autógrafos dos autores e desenhos originais dos artistas. Os fanáticos não falam de outro assunto que não aquele de sua predileção e tendem a defender seus pontos de vista com unhas e dentes, parecendo não entender muito bem porque estes não são compartilhados pelo restante da população. Quando encontram outros com preocupações semelhantes, costumam criar clubes ou associações;
- *estudiosos/pesquisadores*: nem sempre são leitores tão ávidos, mas resolveram se debruçar sobre as histórias em quadrinhos para estudar suas características e relações com outros meios de comunicação, com outros aspectos da vida social ou sob o ponto de vista de sua aplicação em determinadas ciências ou atividades. Muitas vezes, a predileção pelo estudo das histórias em quadrinhos ocorre em função de contingências acadêmicas específicas, como a elaboração de uma tese ou trabalho de conclusão de curso de graduação, deixando de existir tão logo elas terminem. Outras vezes, esse estudo inicial funciona como um despertar para esse tipo de publicação, persistindo na vida intelectual do indivíduo, que continua a ler e a estudar os quadrinhos durante muito tempo após o término da atividade acadêmica que originalmente o levou a eles. Ele passa a fazer parte, então, de grupos mais exigentes de leitores, que procuram por

materiais de maior nível de qualidade, que tenham condições de lhes trazer benefícios intelectuais inquestionáveis;

- *fanzineiros*: podem englobar tanto aqueles fãs de histórias em quadrinhos que resolvem escrever sobre elas, partilhando suas emoções com outras pessoas, como artistas amadores que elaboram fanzines como uma forma de veicular sua produção artística. Nas coleções especializadas de histórias em quadrinhos, eles podem buscar desde modelos para novas obras a informações sobre os quadrinhos. Os fanzineiros costumam ser muito unidos, organizando-se para a troca de informações e publicações próprias. Eles são, também, um grupo bastante dinâmico e entusiasmado com seu trabalho, podendo colaborar com os bibliotecários na organização de atividades ligadas às histórias em quadrinhos e no oferecimento de cursos na área;
- *coleccionadores*: além de ler histórias em quadrinhos, gostam também de possuir as revistas e álbuns, tendo com eles um elo emocional e criando um acervo particular que responde às características de sua personalidade ou preferências pessoais. Existem aqueles que colecionam apenas um tipo ou gênero de histórias em quadrinhos (como, por exemplo, as revistas de super-heróis ou os quadrinhos Disney), enquanto outros as colecionam de forma indiscriminada, almejando o máximo que possam acumular. Normalmente, os colecionadores são assíduos freqüentadores de sebos e feiras de quadrinhos e podem pagar somas exorbitantes por revistas que permitem completar coleções. Alguns colecionadores também comercializam os quadrinhos. Para os responsáveis por *gibitecas* e acervos especializados de histórias em quadrinhos, os colecionadores representam (ou exigem) um cuidado especial, na medida em que sua ânsia pela posse dos materiais pode levá-los até mesmo a cometer pequenos delitos, subtraindo revistas e álbuns de histórias em quadrinhos do acervo da instituição bibliotecária.

Ainda que essa tipificação possa parecer artificial, pois o mais comum é a mistura de dois ou mais tipos, ela serve para evidenciar que o público que se interessa por quadrinhos é bem abrangente, mudando o comportamento conforme o interesse. Compreender essa particularidade e conhecer os diversos gêneros de quadrinhos é interessante para entender pelo quê os usuários de quadrinhos se interessam, no intuito de desenvolver serviços de informação que possam atendê-los com eficiência. (VERGUEIRO, 2003).

## 2.5 Ótica da Pedagogia

Na década de 1970, as histórias em quadrinhos passaram a ser pesquisadas mais cuidadosamente por intelectuais europeus, como Umberto Eco, que atribuíram a elas valor cultural. No Brasil, os que deram essa contribuição para os quadrinhos, tornando suas características mais visíveis à sociedade e ao mundo acadêmico, foram Antonio Luiz Cagnin, Flávio Calazans, Moacy Cirne, Sônia Luyten, Álvaro de Moya e Waldomiro Vergueiro. Em alguns países europeus, a Nona Arte é tratada com mais distinção: Bélgica e França possuem museus destinados aos quadrinhos; Portugal e França editam álbuns de quadrinhos em formato grande, de capa dura. Muitos desses têm como tema fatos da história nacional desses países, assim como da história universal, sendo bastante usados como suporte didático nas salas de aula. Em Portugal existem as bedetecas, correspondentes às nossas gibitecas, com grande visitação de professores e alunos (ANDRAUS, 2006, p. 7).

Países como França e Japão utilizam bastante as histórias em quadrinhos na área educacional, sendo que neste último, apesar de algumas críticas por parte da intelectualidade, os mangás estão sendo usados como recurso auxiliar dos meios de comunicação, e de forma didática em alguns assuntos antes considerados intocáveis, como economia, relatórios governamentais, etc. Por isso, no Japão os quadrinhos tem quase tanta importância quanto as outras publicações impressas. (LUYTEN, 2000, p. 220 apud VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p.109).

No final da década de 1990, houve mais um passo na valorização das histórias em quadrinhos, deixando um pouco mais distante os tempos de perseguição e críticas, pois elas começam a se mostrar em uso nas várias instâncias culturais e educacionais da sociedade. Percebe-se a presença de sua linguagem e elementos, principalmente os balões de fala, fazendo parte de campanhas publicitárias e sociais, e em programas de televisão, mostrando poder de infiltração nos segmentos da sociedade (ANDRAUS, 2006).

Outra contribuição foi a atualização, em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que é a lei que define e regulariza o sistema de educação brasileiro, com base nos princípios da Constituição. No Art. 3º, tem II, temos alguns princípios sob os quais o ensino será ministrado, entre os quais: "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10). No artigo 36º § 1º, Item II é dito que "os

conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre, entre outras qualidades, conhecimento das formas contemporâneas de linguagem” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que dão as diretrizes do ensino nacional confirmam isso, explicando que os alunos devem ser capazes de “conhecimento e competência de leitura das diversas formas visuais: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, *histórias em quadrinhos*, telas de computador, publicações, publicidade, design, desenho animado etc” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 11, grifo nosso). Existem referências ao uso de quadrinhos em vários PCNs, como por exemplo, no de Língua Portuguesa, que destaca a charge e a leitura crítica que esse gênero demanda; e no PCN do ensino do médio, que ressalta a importância dos quadrinhos como fontes históricas e como pesquisa sociológica. No segundo caso, assinalam que “charges, cartuns e tiras são dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-se de forma crítica e com muito humor” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 11).

Os órgãos responsáveis pela Educação e as editoras, a partir de 2006, têm contribuído muito para uma melhor imagem dos quadrinhos, pois no referido ano, eles passam a fazer parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Só que a contribuição vem pelas razões erradas. O Ministério da Educação (MEC) entendia que os quadrinhos eram um chamariz melhor para a leitura do que os livros, o que não é nenhuma novidade, visto que há cem anos várias crianças têm nos quadrinhos um aliado espontâneo no desenvolvimento de seu vocabulário e alfabetização. O problema é que por isso, o MEC publica editais que solicitam às editoras o fornecimento quase sempre de obras em quadrinhos adaptadas dos clássicos literários. Para as editoras, é grande vantagem produzir essas obras, pois contam com a certeza da venda de milhares de unidades para as escolas. O que o MEC parece desconhecer ou ignorar é que existem obras em quadrinhos que são interessantes por si mesmas, não havendo necessidade de se trabalhar só com as adaptações. As publicações autorais são minoria no PNBE, mas vem aumentando sensivelmente a cada ano (FERRARO, CAIO, 2013).

Selecionar em sua grande maioria as adaptações, sugere que o governo sempre as definiu como gênero literário (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 17). Essa definição é um erro conceitual. Uma das obras adaptadas, no PNBE de 2008 foi O

*Alienista*, dos irmãos Gabriel Ba e Fabio Moon, que ganhou o prêmio Jabuti de literatura em 2008, na categoria álbum didático e paradidático de ensino fundamental e médio. Isso parece sinalizar que a Câmara Brasileira do Livro (CBL) não sabe bem em que categoria colocar os quadrinhos baseados em obras literárias (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 18).

É necessário que o PNBE se afaste da ideia de que quadrinhos pertencem ao gênero literário e que passem a avaliá-los por seu conteúdo, como uma linguagem autônoma. Dizer que são literatura pode ser só um rótulo para que seja prestigiado e justificar a presença nas escolas, ou então expressa um desconhecimento da área (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 36). As HQs não devem ser vistas como preparação para outras leituras tidas como mais sérias, e sim reconhecidas por suas qualidades próprias de arte e potencial panvisual (FERRARO, CAIO, 2013).

No PNBE de 2009 há três mudanças positivas. A primeira é que o edital já não diz que quadrinhos são uma forma de literatura, ou seja, as autoridades começam a querer enxergar a autonomia da linguagem; a segunda é que melhora o processo de seleção, pois, das 19 obras em quadrinhos, só 4 são adaptações literárias (SAVELLI, 2008). O edital fala somente em histórias em quadrinhos, ao lado de poemas, crônicas, contos, etc. Isso pode evidenciar uma mudança de pensamento, para que os quadrinhos sejam reconhecidos como leitura efetiva. A terceira mudança é que no ano citado também indicaram pela primeira vez quadrinhos para o ensino médio, não mais apenas para o nível fundamental (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

A autonomia artística dos quadrinhos existe, assim como a da dança, da pintura, do teatro e de tantas outras formas de expressão. O diálogo entre linguagens diferentes ocorre sem que cada uma perca suas características. O gênero *literatura em quadrinhos* surgiu de outras duas áreas: a literatura e os quadrinhos. Apesar disso, os balões são elementos típicos dos quadrinhos, ninguém espera encontrá-los nos romances. Uma linguagem ganha mais autonomia e passa a ser mais bem compreendida após um criterioso olhar e estudo sobre ela, e isso as pesquisas acadêmicas podem oferecer. Por isso, "é interessante desejável que as faculdades do país criem disciplinas, tanto na graduação, quanto nos cursos de pós, para aprofundamento e melhor compreensão da área dos quadrinhos" (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 38).

Nos anos 2000, Waldomiro Vergueiro, falando sobre o aumento do número de teses na USP, em entrevista ao site *Blog dos quadrinhos*, enumera algumas possíveis razões para esse aumento:

Não temos uma única razão para isso. Acredito que podemos vislumbrar várias possibilidades nesse sentido: por um lado, a diminuição dos preconceitos contra as histórias em quadrinhos fez com que fossem mais bem aceitas como objeto de estudo na Universidade, enquanto, ao mesmo tempo, mais alunos se sentiram motivados a propor temáticas relacionadas com os quadrinhos. A par disso, não posso descartar o efeito do trabalho de várias décadas de alguns pesquisadores da Universidade no estudo de quadrinhos – entre os quais eu me incluo –, que tem seus frutos agora brotando e recebendo maior visibilidade científica (RAMOS, 2006).

As histórias em quadrinhos são produzidas para diferentes tipos de público (infantil, adolescente ou adulto) e podem ter conteúdo informativo ou para entretenimento. Até mesmo as HQ's de entretenimento podem ser usadas didaticamente, exigindo, porém, maior cuidado por parte dos professores. Os formatos dos quadrinhos e seus elementos influenciam na forma que podem ser lidos. As tiras, que na maioria das vezes são de cunho humorístico, desenvolvem uma história curta e não costumam exceder 6 (seis) quadrinhos. Há uma situação inicial e uma reversão da expectativa do leitor, gerando o efeito cômico. Os quadrinhos publicados em revistas, álbuns ou livros são produzidos em um número maior de páginas, com uma narrativa mais desenvolvida e complexa. A leitura de uma página de quadrinhos já pode ser um exercício de percepção, pois nem toda história tem os quadrinhos em sequência lógica, forçando o leitor a descobrir a sequência correta de imagens e textos, ou experimentar uma mudança na leitura de trás pra frente como nos mangás (SANTOS; VERGUEIRO, 2012).

Felizmente estão surgindo livros que enfocam o conteúdo relativo aos quadrinhos, de acordo com o gênero da história, a serem usados em diferentes áreas, sempre aproximando o que se vê nas publicações à realidade da sala de aula (VERGUEIRO, 2014). Seguindo esse raciocínio, é possível propor atividades práticas a partir de uma história em quadrinhos, de acordo com a faixa etária adequada para cada caso (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 7). Alguns exemplos: propor aos alunos a leitura de uma história em quadrinhos, identificando sua linguagem e a disposição dos elementos narrativos; retirar os balões e pedir aos alunos que reescrevam os diálogos, para trabalhar a articulação texto-imagem; e ainda, organizar exposições de histórias em quadrinhos feitas pelos alunos, usando

cartolina, onde seriam desenvolvidos o argumento (tema, personagens, etc.) e o roteiro (ações e diálogos) da história, além da arte.

Através de um exemplo proposto por Ramos (2014), percebemos a utilidade dos quadrinhos em turmas que estejam começando a trabalhar noções de contexto e interpretação:

A proposta consiste em mostrar ao aluno que muitas vezes não é possível entender o sentido de uma palavra de forma imediata. Nesse quadrinho dos Smurfs (Figura 10), o termo *smurfar* pode ser usado para qualquer situação, de modo análogo ao termo *coisar*, muito usado no Brasil. O aluno tem que entender o contexto da história para saber o que significa tal termo em cada situação. Isto simula o caso em que o aluno se depara com uma palavra desconhecida num texto e tem que usar do mesmo expediente para entender o que ela significa. Notamos no quadrinho que “smurfar”, nesse caso, pode significar quebrar, procurar ou cozinhar nozes, por exemplo.

Figura 10: Smurfs



Fonte: Ramos (2014).

Vejamos um outro tipo de HQ, dessa vez para ser trabalhada por alunos um pouco mais velhos (VERGUEIRO; RAMOS, 2009):

Nessa história (Figura 11), temos parte de uma aventura do Tarzan, publicada nos jornais norte-americanos, por volta de 1950. A imagem permite vários tipos de abordagens, como por exemplo, pedir para os alunos relacionarem o que está sendo

mostrado no quadrinho, ambientado na África, com o que estudaram sobre o neocolonialismo nesse continente.

Figura 11 – Tarzan



Fonte: Blog Box Comics<sup>10</sup>

Outras possibilidades de reflexões (VERGUEIRO; RAMOS, 2009):

- pode-se trabalhar o conceito de verossimilhança, visto que é completamente improvável, por melhor que seja a forma física de alguém, vencer tantos inimigos também em boa forma;
- A imagem é bem representativa do discurso neocolonialista e imperialista, pois mostra Tarzan, um filho de lorde inglês branco, mostrando sua superioridade e subjulgando um grupo de nativos da África;
- A história foi publicada antes dos movimentos civis contra a segregação racial nos EUA, nos anos 1960. Nessa época, estereótipos racistas ainda eram aceitos com naturalidade;
- Os adversários de Tarzan são praticamente idênticos entre si, como se a individualidade não existisse nos negros, aqui retratados como *selvagens*;

<sup>10</sup> BOX COMICS. Home. Disponível em: [http://boxocomicsblog.com/?attachment\\_id=173](http://boxocomicsblog.com/?attachment_id=173).

Acesso em: 04 dez. 2015.

- Ao fundo vemos várias silhuetas de guerreiros africanos, com exceção de uma, que mostra um homem branco, reconhecido pelo chapéu de explorador. A cena é bastante simbólica, mostrando Tarzan defendendo o dito mundo *civilizado*, representado pelos exploradores europeus e norte-americanos do ataque dos *selvagens* africanos.

Pela variedade de assuntos, notamos que essa história pode ser usada em várias disciplinas, como história, geografia e sociologia.

Falando novamente de atividades com quadrinhos, Edgar Franco (2011, p. 115-116 apud SANTOS; VERGUEIRO, 2012), propõe como alternativa ao desenho, a criação de quadrinhos com fotografias (fotonovela) ou com softwares gratuitos disponíveis na internet. Um deles é o HagáQuê (Figura 12), um programa educativo de apoio à alfabetização e ao domínio da linguagem escrita. É um editor de histórias em quadrinhos com um banco de imagens com os diversos componentes para a construção de uma história (cenário, personagens, etc) e vários recursos de edição dessas imagens. Existe um trabalho feito com alunos autistas utilizando esse software:

As atividades deste projeto foram desenvolvidas com base em estratégias de intervenção, visando principalmente a comunicação através das histórias em quadrinhos, buscando assim, favorecer o desenvolvimento cognitivo, criativo, pessoal e emocional destes alunos. Dentro das diversas atividades aplicadas buscou-se: mobilizar a atenção e o pensamento, simular experiências reais; trabalhar conceitos de quantidades, formas, cores, localização, lateralidade, noção de distância, tamanhos e proporção; transportar as atividades para a realidade e cotidiano; estimular a elaboração de frases com significado, pois eles somente codificam as palavras separadamente; estimular o raciocínio, expressão, linguagem, espontaneidade e emoção (características raras nos autistas) (PICONI; TANAKA, 2003, p.5).

Figura 12: HagáQuê



Fonte: Rafaelnink<sup>11</sup>

Alguns motivos para os quadrinhos serem usados na educação, segundo Vergueiro (2014):

- os estudantes querem ler os quadrinhos, pois já fazem parte do seu cotidiano e são muito populares entre crianças e jovens, e também entre muitos adultos, não sendo objeto de qualquer tipo de rejeição. Aumentam a motivação se conjugados ao conteúdo das aulas. Usa-se a identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa, muitos deles oriundos dos quadrinhos;
- palavras e imagens juntos ampliam a compreensão de conceitos melhor do que textos escritos, representando mais do que um mero acréscimo de figuras, como nos livros ilustrados, criando um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático;
- existe um alto nível de informações nos quadrinhos, pois versam sobre os mais diferentes temas, sendo aplicáveis a qualquer área. Podem ser usadas tanto como exemplos de aplicação de conceitos teóricos, como em histórias de ficção científica, onde se verificam as mais variadas informações sobre física, tecnologia, engenharia, arquitetura, química, etc.), sendo absorvidas na própria linguagem dos estudantes;
- enriquecimento das possibilidades de comunicação, pois o estudante incorpora a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita. Como os recursos utilizados nos quadrinhos (balão, onomatopeia, diversos planos utilizados

<sup>11</sup> RAFAELLINK. Home. Disponível em: <http://rafaelnink.com/blog/2007/11/25/editor-de-hq-historias-em-quadrinhos/>. Acesso em: 04 dez. 2015.

pelos desenhistas), os estudantes são apresentados a outras formas de comunicação, que melhoram seu relacionamento coletivo;

- auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura: propicia familiaridade com a leitura, facilitando a abertura dos estudantes para concentrar-se as leituras com finalidade de estudo;
- enriquecem o vocabulário: por tratarem de variados assuntos, trazem sempre palavras novas aos estudantes, ampliando bastante seu vocabulário. como por exemplo, trazendo termos e elementos geográficos, sociais e tecnológicos, entre muitos outros;
- o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar - os estudantes são constantemente instigados a exercitar seu pensamento, complementando em sua imaginação os momentos que não foram explicitamente mostrados nos desenhos, desenvolvendo o pensamento lógico. Conferem compreensão de leitura e síntese. É o que acontece quando o professor solicita aos alunos que passem para os quadrinhos uma história fornecida somente na linguagem escrita, o que fará com que selecionem os acontecimentos mais importantes da trama para representá-las graficamente;
- os quadrinhos têm caráter globalizador: como são veiculadas em todo o mundo, pode ser compreendidas por qualquer um, sem necessidade de nenhum conhecimento prévio sobre o tema. Uma história que se passe no Japão pode, de maneira geral, ter sua mensagem principal compreendida por leitores de outros países, mesmo desconhecendo as características dessa sociedade. Vide o sucesso dos mangás no ocidente. Esse caráter globalizador é que possibilita seu uso de maneira interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento, usando habilidades interpretativas visuais e verbais;
- podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema - A grande variedade de títulos e temas, faz com que os professores encontrem materiais apropriados para qualquer classe, inclusive universitária, seja qual for o assunto que se pretenda desenvolver;
- são de baixo custo e de grande acessibilidade.

### 3 A LEITURA E OS QUADRINHOS

Ler, segundo Faria e Pericão (2008, p.435) é "percorrer com os olhos aquilo que está escrito, decifrando e traduzindo signos". Seibert (2015, p.13), diz que "ler é parte de um processo que objetiva interagir o leitor com informações significativas que poderão servir de sustentação para toda a sua vida escolar e social". A leitura é um processo de interlocução entre o autor e o texto, que se dá através da escrita. Nesse processo interativo entram em jogo, não apenas o intelecto, mas também os sentidos e as emoções. A partir do entendimento, cresce o desejo de participar da construção do conhecimento de forma ativa [SEIBERT, 2015].

Cada nova leitura confere novos significados e cria novas conexões com leituras anteriores, sendo um processo contínuo de compreensão e aprofundamento. A leitura, por seu caráter dialógico, é um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento por fazer com que o leitor entre em contato com diferentes formas de visão e compreensão de mundo. Martins (1994, p. 82 apud SEIBERT, 2015, p. 15), explica: "... Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais". O autor francês Lionel Bellenger (1979) reforça esse pensamento:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. Pouco a pouco o desejo aparece sobre o prazer.

Considera-se leitor aquele que aprendeu o processo mecânico da leitura, obtendo o domínio dos símbolos linguístico, mas antes disso o processo de leitura já se inicia, como observa Paulo Freire: "a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]" (1989, p.13). Essa leitura se dá através do conhecimento de mundo, que se constrói desde criança, através do estímulo de todos os sentidos, seja num vídeo, no tato, numa imagem ou no cheiro de alguma coisa. Posteriormente é que entra o processo de leitura como conhecimento linguístico: "É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o

conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido de texto" (KLEIMAN, 1995, p.13 apud QUEVEDO, 2002, p. 68).

### 3.1 Leitura Ampla

Numa concepção mais ampla de leitura, o ensinar a ler para aprender deve se transformar em ensinar a ler para produzir sentidos, o que deve ser entendido e trabalhado de forma dinâmica e interativa para vincular a linguagem à realidade, dando condições para o indivíduo interpretar o universo das palavras e o contexto a que elas se referem. O ato de ler é concretizado, portanto, por um sujeito-leitor inserido numa conjuntura sócio-cultural. Assim, a leitura deve estar incluída no contexto da comunicação humana em todas as suas formas. (SEIBERT, 2015, p. 15).

Ler é como aprender uma nova língua. Quem não lê tem, inclusive, mais dificuldade oral. Mas ler verdadeiramente vai além de decifrar signos. A partir da década de 1970, houve maior preocupação com o analfabetismo funcional em países como o Brasil, onde a educação *engatinha* e a cultura se *arrasta* (QUEVEDO, 2002, grifo do autor), pois a real competência de leitura é competência de poucos. Esse tipo de limitação pode até mesmo estar entre professores, como afirma Rösing (2001, apud QUEVEDO, 2002, p. 70):

[...] também entre os professores em geral, ler não pressupõe conhecer as operações mentais capazes de desencadear um processo de construção de significados a partir do envolvimento do leitor com texto de qualquer natureza. Esses profissionais da educação trabalham com um objeto de estudo - o texto - com o qual não têm intimidade e do qual não têm conhecimento acerca de sua estrutura e complexidade. A realidade é surpreendentemente de um ponto de vista negativo: as pessoas declaram que são leitoras, que formam leitores sem ter a mínima curiosidade científica sobre o que o ato de ler significa, o que requer, o que implica, o que resulta.

Em todas as áreas curriculares, como história, geografia, artes, filosofia, biologia, física, etc., há uma constante pressão para que os alunos leiam. No entanto, os pais se perguntam o por quê dos alunos não adquirirem o gosto pela leitura. O fato é que ler é muito mais do que uma imposição curricular ou familiar. O ideal é que o ato de leitura seja algo permanente, moldando seu perfil por toda a sua

vida. Mas se é algo que não deve ser imposto, há de se descobrir outras formas de realizar esse objetivo (QUEVEDO, 2002).

Na escola, o professor deve ser mais mediador do que transmissor, fazer com que o ato de ler deixe de ser um processo mecânico de decodificação, buscando formas de transformar a leitura, qualquer que seja, numa prática dinâmica, socialmente construída e agradável. Se o leitor perceber a leitura como um processo não linear, ele irá atribuir automaticamente sentidos e correlações do texto com o mundo em que vive, e isso aumentará seu interesse (SEIBERT, 2015).

É importante para a escola trabalhar com vários tipos de textos: informativos, como jornais e revistas; formativos, livros técnicos específicos de cada área do conhecimento. Mas, deve reservar um trabalho especial para os textos literários, pois sua natureza plural estimula e desenvolve a compreensão do aluno em sentido mais amplo e humano, aumentando a fronteira do conhecimento, pois possibilita traçar relações entre a realidade do aluno e outras tantas (QUEVEDO, 2002, p. 70). Para Bordini (1993, p. 13, apud QUEVEDO, 2002, p. 71):

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla.

Verifica-se que professores de várias áreas, e não só de português, buscam o texto literário como suporte complementar de suas aulas. Os professores que assim procedem têm maior possibilidade de despertar nos alunos, relações e identificações com suas vivências, tornando a leitura mais relevante e prazerosa para eles. (QUEVEDO, 2002). A leitura de textos é uma habilidade que exige várias outras competências, mas a *leitura* de fotografias, filmes e imagens contidas em letras de músicas e peças de teatro também podem contribuir para que essa leitura ocorra de forma mais completa (QUEVEDO, 2002, grifo do autor). É aí que entram as histórias em quadrinhos, que apesar de não serem textos literários, também têm potencial para provocar o mesmo efeito, com a vantagem de que trabalham a escrita em conjunto com as imagens, o que facilita a compreensão e memorização das informações.

### 3.2 Leitura da imagem

Genevieve Jacquot (2004 apud ALEGRIA, 2009, p. 194) relata que, em pesquisas realizadas na França, a maioria das crianças e adolescentes entrevistados, revelaram que a maior parte do que aprenderam sobre história, geografia e ciências exatas teve como fonte de informação, os programas de televisão, atribuindo a menor parte do que diziam conhecer, à educação formal. Segundo Alegria (2009), talvez isto se deva pela justaposição de realidade e ficção que a TV proporciona. Outras características como interação com os controles, suas cores e associação entre imagem e som trazem sensações prazerosas para quem assiste. O mesmo pode ser dito da internet. João Alegria (2005, apud ALEGRIA, 2009, p. 1999) explica como o processo de comunicação com qualquer linguagem ocorre:

Na verdade, uma imagem, um audiovisual, uma página da internet, uma pintura, um texto escrito não podem ser considerados como uma linguagem em si. É apenas através do processo que sua leitura desencadeia no intelecto do leitor que eles são transformados em linguagem e passam a possibilitar comunicação.

Falando especificamente de quadrinhos, Maria Luiza Oswald (2010) analisou, sob a ótica da mediação, a relação que os jovens estabelecem com a cultura das mídias (desenhos animados, videogames e HQs – tripé da indústria de entretenimento nipônica), mais precisamente com os mangás, que têm grande aceitação por parte desse público. As três mídias são complementares e afins, logo, as conclusões são extensivas às outras. A pesquisadora mostra como a imagem técnica vem alterando a relação dos sujeitos com a leitura, e faz um recorte para justificar o uso de mídias imagéticas em práticas educativas. O objetivo é descobrir como transformar a leitura em objeto de desejo, para vencer a dificuldade dos jovens em trabalhar com textos em sala de aula. Para isso, é observado que aspectos dos mangás, entendidos como cultura de massa, poderiam auxiliar nas práticas de leitura na escola (OSWALD, 2010).

Os dados foram colhidos através de entrevistas com alunos de uma escola do ensino médio e com um mestrando, também leitor de mangás, que dá aula na mesma escola. A pesquisadora percebeu que considerar o mangá artefato cultural seria sido um bom caminho, para romper com a ideia que desprestigia a cultura de

massa (OSWALD, 2010). Ressalta-se que os alunos demonstraram estar cientes de que o mangá é um fenômeno de comunicação de massa. Já na primeira entrevista, um aluno, perguntado se achava o mangá menos importante que o livro, põe em dúvida essa verdade defendida por alguns, que ele chama de intelectuais. Esse relato mostra a tendência das escolas desprestigiarem as leituras que a cultura juvenil considera como prazerosas e significativas (OSWALD, 2010).

Os depoimentos trouxeram evidências das causas do sucesso dos mangás entre os jovens. Um fator a ser considerado são os modos de sociabilidade que existem entre esses grupos. Eles se relacionam individualmente com a HQ, mas se socializam através de partilhas e trocas de revistas, de competições sobre quem sabe mais sobre determinado personagem. Ao contrário da individualidade que a "arcaica quietude do livro" (BENJAMIN, 1987, p.28, apud OSWALD, 2010, p. 199) supõe, esses encontros envolvem animadas discussões, trocas de ideias, onde demonstram bons conhecimentos sobre questões históricas, filosóficas e mitológicas relacionadas aos mangás.

Foi possível observar nas entrevistas que a hipótese de alienação científica imputadas aos consumidores de tais mídias não se verificam, pois os jovens fizeram explanações históricas, filosóficas e mitológicas relacionadas às HQs, que não são originários apenas dos próprios quadrinhos, mas que foram buscados na biblioteca, na internet ou com leitores mais experientes, inclusive professores (OSWALD, 2010).

Até aqui, a pesquisa vinha sendo dirigida sob perspectivas culturais, mas isso mudou após outros depoimentos que contrariaram o pressuposto de que o texto escrito do mangá seria, por si só, responsável por constituir tantos leitores jovens. O que se notou foi que as interações com as imagens tinham peso decisivo, pois conjugada com o texto, permite o entendimento mais rápido da história, comparável à experiência de assistir a um filme no cinema, o que a torna divertida (OSWALD, 2010). Luyten (2000, 2004, apud OSWALD, 2010, p. 205), relaciona o impacto das HQs japonesas ao uso proposital de técnicas cinematográficas, inspirados na popularização da televisão no Japão. Essa é uma característica forte, com muitas imagens e um mínimo de palavras, ou seja, uma estrutura narrativa mais fluida que a ocidental, permitindo que se leia uma revista de 320 páginas em 20 minutos.

Segundo a pesquisadora Maria Luiza Oswald (2010), não se trata mais de investigar, sob o eixo da leitura do texto impresso, que elementos da recepção do

mangá ajudariam a pensar a formação do leitor, mas de analisar sob o eixo dos sentidos que os sujeitos produzem, a influência da cultura das mídias na constituição de identidades e subjetividades de crianças e jovens e, conseqüentemente, em suas maneiras de se relacionar com o conhecimento e a cultura. Levando em conta essa influência, a pesquisadora infere que deve haver mais atenção aos estudos no campo da educação, no que se refere à relação dos alunos com os artefatos midiáticos.

### **3.3 Formação de Leitores**

Com o exposto até agora, podemos acreditar que os quadrinhos podem ser de grande contribuição na formação de leitores. Interpretando friamente o que foi explicitado sobre os mangás no item anterior, a conclusão poderia ser de que houve uma alienação provocada pelas imagens midiáticas, afinal, como ler 320 páginas em 20 minutos e levar em conta que muita informação foi retida? Porém, com as novas competências de recepção de informação que envolvem ver, escutar e sentir, a crítica sobre a conformidade da leitura do livro faz sentido (OSWALD, 2010).

Almeida (1994, p. 8, apud OSWALD, 2010, p. 206) diz que uma das causas da separação entre educação e cultura é que "atualmente há uma grande quantidade de pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade de cinema e televisão a que assistem, e não mais pelo texto escrito". Os jovens apontam que ver a expressão nos olhos dos personagens e perceber o que eles estão sentindo no momento é uma competência que pesa a favor. (OSWALD, 2010).

Mantín-Barbero (2003, apud OSWALD, 2010, p. 208) salienta que "somente em perspectiva histórica essa mudança pode deixar de alimentar o preconceito apocalíptico com que a escola, os professores e muitos adultos olham a empatia dos adolescentes com os meios audiovisuais, os videogames e o computador". Para ele, tal atitude dificulta o entendimento das mudanças pelas quais as linguagens, as escritas e as narrativas estão passando, e são essas mudanças que explicam por que os adolescentes têm tanta dificuldade em ler o que os professores consideram boa leitura, ou seja, apenas os livros.

Muitos podem se questionar o que fazer. Seria o caso de pensar a relação da formação dos novos leitores sem a leitura dos livros e impressos? Somente a

mediação da imagem técnica seria suficiente? Claro que não! Todos os jovens entrevistados reconheceram que para um maior aprofundamento, o texto impresso tradicional é essencial, o que os incomoda é a falta de dinâmica num primeiro contato para um entendimento mais rápido, que no texto é diferente da estética cinematográfica conferida pela imagem, com a qual eles estão tão acostumados (OSWALD, 2010).

Martín-Barbero e Rey (2004, apud OSWALD, p. 2010, p. 213), corroboram a crítica ao modelo adotado na maioria das escolas, que continua valorizando somente a leitura do livro, descoordenando-se dos processos de comunicação multimídia que hoje dinamizam a sociedade, negando-se a aceitar o descentramento cultural em relação ao livro, que sempre foi seu eixo. A pesquisa com os jovens confirmam tais considerações.

Maria Luiza Oswald (2010), questiona se os educadores realmente vêm se esquivando das transformações no sistema de leitura dos alunos. Para ela, as dificuldades que encontram para incorporar novos componentes midiáticos nas práticas relativas à leitura não são tão triviais, pois a ligação desses objetos com as questões epistemológicas ainda são muito tênues. Um diagnóstico do PNBE endossa essa conclusão, mostrando que os livros didáticos se impuseram às políticas públicas, determinando também um modo de ser pedagógico, de ser professor e estudante nas escolas brasileiras, que interessa ao mercado editorial, mas que dificulta o desenvolvimento de práticas pedagógicas com outros materiais (VERGUEIRO, 2009).

Pesquisa realizada pela UERJ sobre o PNBE, com materiais antes de 2006, portanto, ainda sem quadrinhos, vai pelo mesmo caminho (VERGUEIRO, 2009, p. 39):

- Dificuldade dos docentes para trabalhar com os acervos;
- Falta de Formação para transformar as obras em práticas pedagógicas;
- Falta de tempo para os professores realizarem a própria leitura das materiais.

Assim, pode-se acreditar que o mesmo aconteça com os quadrinhos. A pouca familiaridade com a linguagem e com a própria especificidade do gênero, torna necessária uma alfabetização na linguagem dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2009). O documento ressalta a visão padronizada do professor em relação ao leitor, o que

impede o trabalho com a ludicidade dos livros literários e limita o uso de outras práticas de leitura em ambiente escolar, como é o caso dos quadrinhos. É fundamental uma reciclagem na formação dos professores como medida para melhorar a efetividade do programa, pois o simples recebimento e colocação dos livros na estante não pode ser visto como incentivo à leitura. (VERGUEIRO, 2009).

Mas há também outro problema, que é o fato do próprio governo ainda não saber qual o efetivo papel das HQs no PNBE. Como já dissemos antes, mesmo com alguma mudança na forma de olhar a questão dos quadrinhos, o MEC tende a achar que são só um estímulo à leitura. É preciso entender que leitura não é só livro, é tudo. Uma leitura é caminho para outras. Um outdoor pode levar a uma fotografia, que leva a um filme, que leva a um desenho animado, e assim por diante. Então, como orienta os PCNs, outros gêneros devem ser também usados em práticas pedagógicas. (VERGUEIRO, 2009).

De qualquer forma, a inclusão dos quadrinhos no PNBE representa um avanço no reconhecimento dos quadrinhos pela área de ensino. A convivência dos quadrinhos com as práticas pedagógicas lança todos os segmentos da educação brasileira – o professor, o estudante, o pesquisador, o governo, no desafio de enxergar as HQs com outra perspectiva (VERGUEIRO, 2009).

## 4 AMBIENTES DE PESQUISA

A ideia inicial era fazer visitas presenciais a gibitecas para conhecer o tratamento dispensado aos quadrinhos. Aqui no Rio de Janeiro não conseguimos achar nenhum lugar que se encaixasse na definição. O mais próximo foi a Biblioteca Parque Estadual (BPE), que não tem um grande acervo de quadrinhos, mas disponibiliza uma seção só para eles. A impressão é que ainda está em fase de consolidação uma forma homogênea de tratamento, pois as adaptações literárias ou álbuns de luxo têm número de chamada, enquanto que os quadrinhos periódicos, desses que costumamos achar nas bancas, uns têm, outros não.

Foi feita uma visita à atual sede da chamada Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos (Abrahq), uma bela iniciativa de Agata Desmond, curadora da obra do quadrinhista brasileiro Edmundo Rodrigues, que tem o objetivo de preservar a memória dos quadrinhos e trabalhar a valorização da Nona Arte e o reconhecimento profissional dos artistas. Porém, ainda não é exatamente uma gibiteca, sendo apenas um espaço onde algumas obras são expostas, sem tratamento técnico. Assim sendo, buscamos um contato com instituições que tivessem forte vínculo com quadrinhos, mesmo não sendo possível a observação presencial. São elas:

### 4.1 Gibiteca Henfil

A Gibiteca Henfil foi inaugurada em 1991, como resultado de estudos da comissão constituída pela Portaria nº 1.074/90, que tinha como missão analisar a viabilidade de implantação de uma gibiteca municipal. No início foi instalada na Biblioteca Infanto-Juvenil Viriato Corrêa, e seu acervo vinha de parte das demais bibliotecas de São Paulo, sendo que a maioria das obras eram provenientes da estante *Turma da Mônica*, um projeto que tinha por objetivo disponibilizar histórias em quadrinhos em todas as bibliotecas infanto-juvenis da cidade. Com o crescimento do seu acervo através de doações, a gibiteca Henfil tornou-se a maior instituição com esse perfil no Brasil, e em 1999 foi transferida para o Centro Cultural São Paulo, onde se tornou uma seção de uma de suas bibliotecas, a Biblioteca Sérgio Milliet. Hoje, a Gibiteca Henfil possui o maior acervo do país no gênero, com mais de 10 mil títulos e quase 120.000 exemplares, entre álbuns de quadrinhos, gibis, periódicos e livros sobre HQ (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 2015).

Alguns títulos estão disponíveis para empréstimo aos usuários cadastrados. Para se inscrever, é necessária a apresentação de um documento original com foto e comprovante recente de endereço. Além de vasto acervo e de ter um dos maiores índices de frequência a bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, a Gibiteca Henfil também promove eventos relacionados com os quadrinhos, como oficinas, palestras, exposições, exibição de filmes e jogos, atraindo fãs e profissionais da área (VERGUEIRO, 2005, p.7). O contato para a entrevista foi feito com o bibliotecário Hugo Abud, Coordenador de Coleções Especiais.

#### **4.2 Biblioteca da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) – Campus Barcelona**

Biblioteca que faz parte do Sistema de Bibliotecas Jorge José Alves da Silva. Pertence à Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Tem um total de 2404 HQs em seu acervo, que são classificados como livros, recebendo um número sequencial de classificação. Ficam alocados em um espaço especial dentro da biblioteca, com sofás, para que possam ser lidos confortavelmente, já que não saem para empréstimo.

O conteúdo dos gibis é discutido nos cursos de comunicação da faculdade, mas a biblioteca não promove nenhum projeto específico voltado para quadrinhos. Nosso contato para a entrevista foi feito com a bibliotecária Rita de Cássia Scarpini, gestora da Biblioteca.

#### **4.3 Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**

Biblioteca com pequena quantidade de obras quadrinizadas. No entanto, vários são os títulos que abordam a arte. Atualmente são 158 títulos: 103 livros, 20 dissertações e 9 teses de doutorado, 12 filmes (DVD ou entrevista gravada), 7 monografias de lato sensu e 7 CD-ROMs. Os quadrinhos são catalogados e arrumados por localização, como se fossem livros, não havendo espaço especial para eles. Podem ser emprestados como qualquer outro item.

A biblioteca promove atividades, como por exemplo, o *Quadrinhos na PUC*, voltado tanto para o público circulante como para o externo. O evento traz, através de exposição da história dos quadrinhos no Brasil, palestras sobre

passado, presente e futuro, mercado de trabalho, tudo relacionado a HQs. O contato para a entrevista foi feito com a pesquisadora de quadrinhos Edilaine Correa, que coordena as edições do evento supracitado.

#### **4.4 Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA)**

O acervo de quadrinhos da ECA é composto de cerca de 13.000 revistas em quadrinhos. Está disponível apenas para a consulta dos pesquisadores dessa Escola. Podem sair para empréstimo a critério do coordenador. As aquisições são feitas exclusivamente por doação. Os quadrinhos ficam em local próprio, sem a presença de livros. Não há tratamento especializado. São organizadas em ordem alfabética ou por autor.

As atividades principais que envolvem quadrinhos têm por objetivo sua discussão acadêmica. Há planos de se desenvolver eventos envolvendo leitura para o próximo ano. O primeiro será com mangás, provavelmente em janeiro. O contato para a entrevista foi feito com o professor Waldomiro Vergueiro.

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Verificamos os pontos positivos no tratamento dado às HQs nos locais averiguados, e os que ainda estão em fase de consolidação. Em relação à política de desenvolvimento de coleções, as HQs ainda estão aquém dos livros. Em todas as instituições as doações ainda são a forma predominante de aquisição. Na Gibiteca Henfil, apenas 5% das obras são compradas através de verba da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo; na PUC-SP há muito poucas aquisições por compra; na USCS e na ECA todas entram por doação. Observamos que praticamente não há aquisição através de compra, mesmo em se tratando de instituições que trabalham de forma mais próxima com quadrinhos. Conforme vimos em VERGUEIRO (2005), a existência deste cenário provavelmente é herança de uma forma antiga da nossa sociedade pensar os quadrinhos, influenciando na Política de Desenvolvimento de Coleções da biblioteca, onde não se cogitava inserí-los. A transformação de mentalidade é gradativa e exige tempo para se estabelecer numa sociedade. Acreditamos que fatores como o aumento de dissertações e teses nas Universidades, os eventos nacionais e internacionais envolvendo quadrinhos, que são cada vez mais numerosos em nosso país, estão se encarregando de ajudar na mudança de atitude que precisamos ter em nossas bibliotecas, e que deve fazer com que cada vez mais bibliotecários exponham as qualidades informacionais de algumas HQs como argumento para justificar a inclusão dos quadrinhos nas verbas para aquisição, da mesma forma que os livros.

Na parte de catalogação temos uma situação diferente. O tratamento dispensado aos livros é estendido aos quadrinhos nas duas bibliotecas, e também na Gibiteca Henfil. Esta última adota uma metodologia especial para catalogação de Histórias em Quadrinhos, mas dentro das práticas da Biblioteconomia. Isso se torna importante em virtude da diversidade dos tipos de usuários de quadrinhos identificados por Vergueiro (2003), facilitando a pesquisa nos mais variados assuntos de cada preferência. Na ECA, os quadrinhos são organizados em ordem alfabética por título (quadrinhos em geral) ou autor (graphic novels), não havendo um tratamento especializado, pois ainda não há pessoal disponível para executar essa tarefa.

Como vimos em VERGUEIRO (2005), o sucesso das gibitecas e a demanda crescente de usuários por gibis fez com que muitas bibliotecas públicas abrissem

espaço para os quadrinhos. Muito se deve à ação de bibliotecários que pensavam diferente de seus colegas e por iniciativa própria selecionavam e organizavam o material vindo de doações, e definiam um local específico para aloca-los. Da mesma forma, quanto ao local de exposição, cada instituição averiguada tem sua proposta para acomodação das obras. Na Gibiteca Henfil e na PUC-SP, sejam livros ou quadrinhos, compartilham o mesmo espaço, mas cada um em suas prateleiras, sem se misturar; na ECA e na USCS, os quadrinhos ficam em espaço exclusivo, sendo que esta última vai um pouco além, pois disponibiliza ainda um mobiliário pensado especificamente para o usuário desfrutar da leitura confortavelmente.

Uma esperada, mas importante constatação foi a de que as características informacionais e educativas das HQs, apregoadas por Vergueiro e Ramos (2009), são reconhecidas por todos os profissionais que trabalham nesses locais. Todos são sabedores de que, dependendo da obra, as HQs podem ser tão interessantes quanto um bom livro, e podem ser usadas efetivamente em sala de aula. Isto nos leva a crer que os estudos e a propagação de tais qualidades terão continuidade em todas as instituições pesquisadas. Na Gibiteca Henfil, a boa notícia vem da indicação de obras do acervo aos alunos, por parte de professores. Provavelmente, muito desse comportamento se dá pela presença de quadrinhos nas escolas públicas, através do PNBE, que reconhecendo aos poucos a autonomia da linguagem, contribuirá cada vez mais para sua disseminação. Nessa atitude dos professores enxergamos o que Seibert (2015) nos diz em relação a esses profissionais se tornarem mediadores de formas mais práticas e dinâmicas de leitura, que sejam socialmente agradáveis. O convívio do aluno na gibiteca faz a ponte entre o mundo real e o conteúdo que ele aprende na escola, fixando sentidos e aumentando seu interesse nas matérias.

A questão do empréstimo, assim como no caso dos livros, obedece a particularidades decorrentes do tipo de obra no acervo. Na USCS não há empréstimo, pois são consideradas obras frágeis e de difícil reposição, o que é positivo do ponto de vista do reconhecimento da importância do material. Na Gibiteca Henfil, de um modo geral todas as obras saem para empréstimo, com exceção das consideradas mais raras. Na PUC-SP saem por empréstimo, como qualquer livro. Na ECA, podem sair apenas para os pesquisadores, de acordo com o coordenador.

Foi colocada para os entrevistados a questão de se haveria vantagem para uma gibiteca existir de forma independente, separada de uma biblioteca. A pesquisadora Edilaine, da PUC-SP, acha que pode ser uma boa ideia, mas lembra que a biblioteca é um meio de despertar a curiosidade das pessoas sobre as HQs, ao se depararem com a grande variedade existente. Rita de Cassia, da USCS, acredita que deva se analisar cada caso, mas vê com simpatia a ideia, pois percebe grande interesse das pessoas em quadrinhos. Já o bibliotecário Hugo, da Gibiteca Henfil, acha que a gibiteca independente deve existir, para que possa ser dado aos fãs um tratamento mais especializado. O professor Vergueiro não fecha questão sobre isso, vendo oportunidades nos dois casos.

Hugo ressalta que um espaço separado favoreceria a troca de conhecimento, com a presença de pesquisadores e fãs de quadrinhos, o que foi corroborado pelo professor Vergueiro. Mas na biblioteca há uma vantagem, como também lembrou o professor, pois as pessoas que não conhecem quadrinhos podem ser atraídas por eles, enquanto na gibiteca a grande maioria dos frequentadores será somente de apreciadores do gênero.

Foi muito interessante perceber que os profissionais das instituições averiguadas têm plena consciência da interdisciplinaridade das HQs e da possibilidade de seu uso na educação em todos os níveis de escolaridade. Todos têm contato com professores que utilizam quadrinhos em suas aulas, ou que as indicam para leitura, o que nos faz acreditar que exista aí uma tendência em crescimento. Na ECA existe uma disciplina específica sobre quadrinhos, no curso de Editoração. Não foi possível aprofundarmos a questão da forma como os professores utilizam os quadrinhos em suas aulas. Como são professores com grande conhecimento na área de quadrinhos, provavelmente trabalham bem com este recurso, porém, ressaltamos que sentimos falta de relatos sobre atividades especificamente voltadas à leitura com quadrinhos. Pode ser que a causa disso passe pelo que Maria Luiza Oswald (2010) nos fala em relação a nem sempre ser tão fácil incorporar novos componentes midiáticos nas práticas ligadas à leitura. Isto não é trivial, devido à não óbvia ligação desses objetos com as questões epistemológicas. Assim como a autora, acreditamos que a evolução dessa questão depende da preparação dos professores ligados a disciplinas que trabalhem a leitura, de forma a lidar com formas contemporâneas de linguagem, como sugere o PNBE.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de haver ainda um bom caminho a ser percorrido, acreditamos que há um processo de valorização das histórias em quadrinhos em andamento. O primeiro passo, que é o reconhecimento de sua relevância informacional, já é realidade em algumas bibliotecas, na maioria universitárias, e em algumas públicas. As perspectivas de cada vez mais profissionais entenderem o valor dos quadrinhos são boas. Conseqüentemente o número de atividades ligadas à arte tende a aumentar. O aumento da quantidade de pesquisadores na área também merece destaque, pois irão preencher a lacuna da insuficiente quantidade de trabalhos científicos, que é uma das causas do pouco conhecimento sobre quadrinhos, por parte do mundo acadêmico.

Em geral, os profissionais que trabalham em bibliotecas com grandes acervos em quadrinhos têm consciência de que devem dar a eles o mesmo tratamento catalográfico que os livros. Essa é uma parte em que as bibliotecas que estejam começando a construir um acervo de quadrinhos devem ficar atentas, pois é importante saber que tipos de quadrinhos existem na biblioteca, não só para organização, mas para recuperação da informação a ser usado em possíveis atendimentos a usuários que os procurem.

Com relação à existência de gibitecas independentes, consideramos que, embora não haja nada contra uma seção dedicada aos quadrinhos numa biblioteca, pode ser que num prédio separado, a interação entre os fãs tenda a ser mais intensa. Para se ter uma ideia de como poderia ser a rotina desse lugar, podemos tomar como base as comunidades que se reúnem para falar sobre filmes, (Rolling Playing Games (RPGs), quadrinhos ou trocar *cards* nas lojas especializadas. Dá para perceber que são mais empolgados e ruidosos, o que numa sala no interior de uma biblioteca talvez não seja o ideal. Porém, possivelmente a biblioteca seja mais adequada para a disseminação dos quadrinhos entre aqueles que não os conhecem.

O local, no entanto, não é o mais importante. O que realmente importa é que o maior número de pessoas tenham acesso e possam conhecer todos os aspectos aqui expostos sobre quadrinhos. Houve consenso entre todos a respeito de que é importante existir um profissional que trate e organize os quadrinhos de forma adequada, usando técnicas biblioteconômicas, independente de onde a gibiteca esteja.

Em relação às atividades, pensamos que além das já oferecidas nas instituições, como oficinas de desenho, roteiros, workshops, debates e palestras, seria importante o trabalho com HQs numa oficina de leitura crítica, como forma de disseminar a quantidade de obras em quadrinhos com conteúdo de valor.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a continuidade do PNBE vêm demonstrar o reconhecimento do valor pedagógico das histórias em quadrinhos, cuja linguagem pode contribuir em muito com o desenvolvimento cognitivo dos estudantes da rede pública. Dentre as várias razões para seu uso, citamos a retratação da realidade vivida em nossa sociedade; a ampliação dos conceitos e entendimentos interpretativos, por meio do poder comunicativo da imagem; as possibilidades interdisciplinares; o caráter elíptico, transcendendo as palavras; e a contribuição para criar o hábito de leitura e enriquecer o vocabulário.

As atividades com os quadrinhos podem e devem ser progressivamente desenvolvidas e disseminadas nas escolas, e também nas universidades, pois o apelo e o gosto pelo uso dessa mídia atinge qualquer nível educacional. Assim sendo, cabe importante papel aos educadores e a nós bibliotecários, no tratamento e disseminação dos quadrinhos, fazendo com que esse material tenha espaço e uso condizentes com seu potencial, permitindo que sua linguagem de grande poder informacional e lúdica possa ser usufruída por toda a comunidade, principalmente nas bibliotecas públicas.

## REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João. A televisão a favor da leitura e da escrita do mundo: a inconveniente hipótese do analfatebismo funcional múltiplo. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 193-205.

ALMEIDA e CUNHA, André Luiz de. Monitoramento Eletrônico. **Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos**, Paraná, 2012. Disponível em: <[http://www.justica.pr.gov.br/arquivos/File/CONSEJ/ATAS\\_e\\_Documentos\\_-\\_2012/5\\_BSB\\_30out2012/Anexo\\_5\\_Monitoramento\\_SUSIPE\\_V1.pdf](http://www.justica.pr.gov.br/arquivos/File/CONSEJ/ATAS_e_Documentos_-_2012/5_BSB_30out2012/Anexo_5_Monitoramento_SUSIPE_V1.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2015.

ANDRAUS, Gazy. **As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. 2006. 304 f. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ANDRAUS, Gazy. A complexidade das HQs contra o senso comum de que elas são simplórias. **Blog Consciências e Sociedades**, set. 2013. Disponível em: <<http://conscienciasesociedades.blogspot.com.br/2013/09/a-complexidade-das-hq-contra-o-senso.html>>. Acesso em: 30 set. 2015.

BBC BRASIL. Grant Morrison cria HQ especial sobre liberdade. **Último Segundo**. 2014. Disponível em: < <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2014-04-01/grant-morrison-cria-hq-especial-sobre-liberdade-veja-imagens.html>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

BAETA, Agda Dias. Margarida no Brasil: retrato de uma mulher pós-moderna. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Muito além dos quadrinhos**: análises e reflexões sobre a 9ª Arte. São Paulo: Devir, 2009. p. 83-102.

BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **Gibiteca Henfil**. 2015. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/Biblioteca\\_Gibiteca\\_Henfil.htm](http://www.centrocultural.sp.gov.br/Biblioteca_Gibiteca_Henfil.htm)>. Acesso em: 30 out. 2015.

DAUSTER, Tania. **Por que ler?** : perspectivas culturais do ensino da leitura. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2010.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do Livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EdUSP, 2008.

FERRARO, Caio. História e Quadrinhos. **Quadrinhos não são subliteratura**, [S.l.], . 25 set. 2013. Disponível em: <<http://historiaequadrinhos.com.br/quadrinhos-nao-sao-subliteratura/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 2008.

Disponível em:

[http://www.abrelivros.org.br/home/images/abrelivros/arquivos/Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_2008.pdf](http://www.abrelivros.org.br/home/images/abrelivros/arquivos/Retratos_da_Leitura_no_Brasil_2008.pdf). Acesso em: 04 dez. 2015.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**: Teoria e Prática. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org.). **Histórias em Quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo. Ed. Paulinas. 1985.

MOREIRA, Maria Clara. Brasileiro cria “Netflix dos quadrinhos” para estimular HQs nacionais. **IDGNOW**, [S.l.]: 13 jul. 2015. Disponível em: <<http://idgnow.com.br/internet/2015/07/13/brasileiro-cria-netflixdosquadrinhos-para-estimular-hqs-nacionais/>>. Acesso em: 30 de set. 2015.

OSWALD, Maria Luiza. A relação do jovem com a imagem. In: DAUSTER, Tania; FERREIRA, Lucelena (Org.). **Por que ler?** : perspectivas culturais do ensino da leitura. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 193-215.

PAINS, CLARRISSA. Academia Brasileira de História em Quadrinhos inaugurada no Rio com 60 mil exemplares. **O GLOBO**, Rio de Janeiro:19 fev. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/academia-brasileira-de-historia-em-quadrinhos-inaugurada-no-rio-com-60-mil-exemplares-15334605>>. Acesso em 09 out. 2015.

PICONI; TANAKA. A construção de histórias em quadrinhos por alunos autistas. In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 14., 2003, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: NCE-UFRJ, 2003. Disponível em: <<http://www.nce.ufrj.br/sbie2003/publicacoes/paper41.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

QUADRINHEIROS. **A História das Histórias em Quadrinhos**: A Era de Ouro. 2015a. Disponível em: <<http://quadrinheiros.com/2013/04/12/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ouro/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

QUADRINHEIROS. **A História das Histórias em Quadrinhos**: A Era de Prata. 2015b. Disponível em: <<http://quadrinheiros.com/2015/04/08/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-prata/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

QUADRINHEIROS. **A História das Histórias em Quadrinhos**: A Era de Bronze. 2015c. Disponível em: <<http://quadrinheiros.com/2015/10/13/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-bronze/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

QUADRINHEIROS. **5 Marcos da Era das Trevas do Quadrinhos**. 2015d. Disponível em: < <http://quadrinhos.com/2015/09/01/5-marcos-da-era-das-trevas-dos-quadrinhos/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

QUEVEDO, Hercílio F. Ler é nossa função essencial (ou não). In: ROSING, Tania M. K. BECKER, Paulo (Orgs). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UFF, 2002. p. 67-79.

RAMONE, Marcus. Influência dos quadrinhos no mundo real. **UNIVERSO HQ**, [S.I.], 24 nov. 2015. Disponível em: < <http://www.universohq.com/universo-paralelo/influencias-dos-quadrinhos-no-mundo-real/>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

RAMOS, Paulo. Aumenta o número de teses sobre quadrinhos na USP. **Blog dos Quadrinhos**, São Caetano do Sul, 04 maio. 2006. Disponível em: < [http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2006-05-01\\_2006-05-31.html](http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2006-05-01_2006-05-31.html)>. Acesso em: 30 set. 2015.

RAMOS, Paulo. **Revolução do gibi**: a nova cara dos quadrinhos no Brasil. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, Paulo. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-86.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em Quadrinhos no Processo de Aprendizagem. **EccoS - Revista Cient.**, n. 27.p. 81-95, jan./abr. 2012.

SANTOS, Marlus Rogério. Quadrinhos em Historia. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2003. Disponível em: < <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S22.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

SAVELLI, Marli. Aumenta o número de obras em quadrinhos na lista do PNBE. **Palavras rabiscadas**, [S.I.], 21 out. 2008. Disponível em: <<https://mscamp.wordpress.com/2008/10/21/aumenta-numero-de-obras-em-quadrinhos-na-lista-do-pnbe/>>. Acesso em: 31. out. 2015.

SEIBERT, Maria das Graças Souza Silva. **Conquistando uma leitura espontânea e prazerosa**. [S.I.]: Monografias Brasil Escola, 20-?. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/leitura-espontanea-prazerosa-uma-conquista.htm>>. Acesso em: 31 out. 2015.

SOUZA CRUZ, Bruna. Professor publica tese de doutorado em forma de quadrinhos nos EUA. **UOL Educação**, São Paulo, 26 jul. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm>>. Acesso em: 31 out. 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em Quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes

de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 117-149.

VERGUEIRO, Waldomiro. C. S. Comic book collections in Brazilian public libraries: the "gibitecas". **New Library World**, v.95, n. 1117, p. 14-8, 1994.

VERGUEIRO, Waldomiro. O leitor de histórias em quadrinhos: diversidades e idiossincrasias. **Ofaj**, jun. 2003. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=141](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=141)>. Acesso em: 30 set. 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero**, v. 6, n. 2, art. 04, ago. 2005. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr05/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm)>. Acesso em: 09 out. 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 7-29.

**APÊNDICE A – Roteiro da entrevista PUC-SP**

1. Existem quadrinhos nas bibliotecas da PUC? Caso existam, sabe dizer a quantidade aproximada?
2. As HQs passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O acervo cresce também através de doações?
3. Os quadrinhos na PUC são vistos e tratados pelos bibliotecários como obras com conteúdo informativo ou são usados somente como leitura para passar o tempo?
4. As HQs são alocados em uma sala separada ou ficam em estantes junto com o acervo de livros?
5. Na sua opinião, numa biblioteca, deve haver um espaço destacado ou as HQs devem ficar juntas do acervo de livros?
6. Existe empréstimo de HQs?
7. Você acha que uma Gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou ela pode existir de forma independente?
8. No caso de ser parte de uma biblioteca, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela?
9. Você entende que a gibiteca deve ter autonomia sobre seu acervo e sobre seu processo de formação de coleções?
10. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca?

11. Existem projetos educacionais na PUC trabalhando a análise do conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?
  
12. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma responsabilidade nesta tarefa?
  
13. Como você vê a qualidade do conteúdo informacional das HQs em relação aos livros?
  
14. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), tem comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo o país. Você acha que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?
  
15. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?

**APÊNDICE B – Roteiro da entrevista USCS**

1. Qual a quantidade aproximada de HQs em seu acervo?
2. No lugar em que as HQs ficam, há também outros livros que não tem relação com quadrinhos? As HQs são classificadas e recebem Número de Chamada da mesma forma que os livros?
3. As Histórias em Quadrinhos são vistas e tratadas pelos bibliotecários como obras com conteúdo informacional ou são usadas somente como leitura ocasional?
4. Acha que uma HQ pode ter conteúdo informacional compatível com os livros?
5. Você acha que uma gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou ela pode existir de forma independente?
6. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca?
7. No caso de ser parte de uma biblioteca, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela? Entende que a gibiteca deve ter autonomia sobre seu acervo e sobre seu processo de formação de coleções?
8. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma importância nessa tarefa?
9. Existem projetos educacionais na faculdade de São Caetano trabalhando a análise do conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?
10. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), têm comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo

o país. Você acha que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?

11. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?

**APÊNDICE C – Roteiro da entrevista Gibiteca Henfil**

1. As HQs da gibiteca passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O acervo de HQs cresce também através de doações?
2. Se 95% do acervo vem de doações, os outros 5% vem de onde?
3. As HQs são classificadas e recebem Número de Chamada da mesma forma que os livros?
4. Como você vê os quadrinhos do ponto de vista do conteúdo informacional? Nesse aspecto, as HQs podem ser comparadas aos livros?
5. Acredita que uma Gibiteca pode existir de forma independente, ou seja, fora de uma biblioteca? Nesse caso, a presença de um bibliotecário é importante? Esta gibiteca deve funcionar como se fosse uma biblioteca?
6. Existem oficinas de leitura com quadrinhos aí na Gibiteca, trabalhando o conteúdo das HQs? Em caso afirmativo, são voltado para que público?  
Não existem oficinas de leitura, somente oficinas de desenho, roteiro e workshops.
7. Quais são as outras atividades com HQs que vocês realizam e para que público?
8. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação ao conteúdo informacional dos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma responsabilidade nesta tarefa?
9. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), têm comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo o país. Vocês acham que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?
10. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?

**APÊNDICE D – Roteiro da entrevista ECA-USP**

1. Qual a quantidade aproximada de HQs em seu acervo?
2. As HQs passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O tratamento de catalogação dessas HQs é igual aos livros?
3. Existe empréstimo de HQs?
4. O acervo de HQs cresce também através de doações?
5. Como é a organização do acervo da ECA? As HQs ficam no mesmo ambiente que livros?
6. São poucas as bibliotecas que têm um espaço destacado para os quadrinhos, como a Biblioteca Sergio Milliet, do Centro Cultural São Paulo, onde esta seção é chamada de Gibiteca Henfil. Na sua opinião, numa biblioteca, deve haver este destaque ou as HQs devem ficar no mesmo ambiente dos livros?
7. No caso da Gibiteca ser parte de uma biblioteca ou de uma escola, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela? Entende que a Gibiteca deve ter autonomia sobre seu processo de formação de coleções?
8. Acredita que uma Gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou existiria alguma vantagem nela existir de forma independente? Pergunto porque os fãs de quadrinhos costumam se manifestar e debater de forma empolgada e ruidosa. Acha que isto pode ser um problema numa biblioteca? Será que a gibiteca independente atrairia mais fãs do que na biblioteca?
9. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca, usando as mesmas técnicas biblioteconômicas e com a presença de um bibliotecário?

10. Existem projetos educacionais na ECA debatendo o conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores, como oficinas de leitura com quadrinhos? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?

11. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma importância nesta tarefa?

12. Na ECA os quadrinhos são usados regularmente para trabalhar o conteúdo das matérias nas salas de aula?

**ANEXO A – Entrevista com a pesquisadora Edilaine Correa (PUC-SP)****1. Existem quadrinhos nas bibliotecas da PUC? Caso existam, sabe dizer a quantidade aproximada?**

Infelizmente, temos em nosso acervo pequena quantidade de obras quadrinizadas. No entanto, vários são os títulos que abordam a arte. Considerando-se nossa biblioteca institucional de ensino superior, contamos atualmente com 158 títulos teóricos dos quais 103 são livros, 20 dissertações e 9 teses de doutorado, 12 filmes (dvd ou entrevista gravada), 7 monografias de lato sensu e 7 cdroms.

**2. As HQs passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O acervo cresce também através de doações?**

As HQs são provenientes de doações ou compras conforme indicam-nos alunos e professores, coordenadores de cursos ou não.

**3. Os quadrinhos na PUC são vistos e tratados pelos bibliotecários como obras com conteúdo informacional ou são usados somente como leitura para passar o tempo?**

Não há o julgamento de uma obra quadrinizada como leitura passatempo. Eticamente trabalhamos com todo material publicado, reconhecendo seu valor cultural e o classificando conforme indicação na própria ficha catalográfica do exemplar ou fazendo a leitura do mesmo para classificá-lo em assunto principal e secundários tais como história, antropologia, ciências sociais para disponibilizá-lo no acervo.

**4. As HQs são alocados em uma sala separada ou ficam em estantes junto com o acervo de livros?**

O material em questão é classificado como livro seguindo normas biblioteconômicas e estão disponíveis lado a lado com outros livros.

**5. Na sua opinião, numa biblioteca, deve haver um espaço destacado ou as HQs devem ficar juntas do acervo de livros?**

A opção escolhida na PUC-SP é de tratar os exemplares quadrinizados ou que tratem da arte sequencial como outro livro qualquer. De igual valor para nossos

pesquisadores e usuários. Acredito que uma área exclusiva funcione como convite à leitura de quadrinhos, porém não a temos na instituição.

**6. Existe empréstimo de HQs?**

O empréstimo domiciliar é efetuado tal como outros materiais do acervo. E, caso sejam doadas, são analisadas, classificadas e disponibilizadas para o público pesquisador assim como para os usuários inscritos, tais como professores, alunos, funcionários, ex-alunos e alunos de outras universidades ou faculdades

**7. Você acha que uma Gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou ela pode existir de forma independente?**

Acredito que o lugar tanto possa ser independente como não ser. Porém, quando procuramos uma biblioteca, deparar com uma gibiteca permite ao público estimar quantas são as obras disponíveis e publicadas pelo mercado editorial, pois muitos sequer imaginam quantas são. Um espaço dentro do outro permite que a descoberta seja uma grata surpresa instigando a curiosidade para folheá-las e emprestá-las como outro livro qualquer.

**8. No caso de ser parte de uma biblioteca, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela?**

Sinceramente, o profissional bibliotecário tem competência para ser responsável pela catalogação e disponibilização de quaisquer obras. Geralmente, há escolhidos que são responsáveis por essa catalogação e, na minha opinião, é rico para o profissional trabalhar com todo tipo de obra sem separar tipos de materiais. Às vezes, é possível. Em outras, devido ao grande volume, os trabalhos são destinados a escolhidos por competência e responsabilidade.

**9. Você entende que a gibiteca deve ter autonomia sobre seu acervo e sobre seu processo de formação de coleções?**

Sobre autonomia, entendo que a parte competente de nossa instituição é responsável pela aquisição de obras, sejam elas quais forem. Como mencionei, compramos de acordo com demanda, seja indicada por alunos, seja indicada como bibliografia básica ou complementar prevista em ementa de curso.

**10. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca?**

A organização promovida por uma biblioteca ou pelas normas que regulam seu funcionamento podem ser seguidas por gibitecas independentes a fim de controlar e preservar seus exemplares.

**11. Existem projetos educacionais na PUC trabalhando a análise do conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?**

Desconheço projetos educacionais dessa ordem, no entanto, iniciativas são promovidas isoladamente ou em paralelo para incentivar a leitura, não necessariamente sobre conteúdos de HQs. Exceção - trabalhos acadêmicos escolhidos por nossos alunos e orientados por nossos professores que abordem assuntos relacionados à arte. Em 2014, coordenei o evento Quadrinhos na PUC justamente voltado tanto para nosso público circulante como para o externo que pretendeu trazer através de exposição da história dos quadrinhos no Brasil, palestras sobre passado, presente e futuro ou mercado de trabalho, tudo relacionado a HQs. (anexo imagem promocional) Pretendo coordenar nova edição do evento em março/2016. Estamos tratando de detalhes.

**12. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma responsabilidade nesta tarefa?**

Vejo que o bibliotecário conhece de forma indireta que colabora com essa diminuição. Entendemos que o material é algo publicado e que pode interessar ao público disponibilizando-o como outro material qualquer. Sim, acredito que os quadrinhos podem e devem ser apresentados por professores e pesquisadores pela importância de sua presença e verbalização ou legitimação a respeito da riqueza de conteúdo que uma HQ apresenta tanto quanto um livro ou trabalho acadêmico. O pesquisador tem a missão de compartilhar todas suas elucubrações a respeito da arte que o instiga a pesquisar e revelar a profundidade de seus conteúdos e a forma como a abordou.

**13. Como você vê a qualidade do conteúdo informacional das HQs em relação aos livros?**

Para responder a essa pergunta seria preciso analisar caso a caso. Há álbuns quadrinizados soberbos, outros nem tanto. Tudo depende de pontos de vistas e embasamento teórico para analisá-lo, senão corre-se o risco de julgar irresponsavelmente.

**14. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), tem comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo o país. Você acha que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?**

Certamente. O PNBE promoveu, demoradamente, é verdade, a inclusão da arte sequencial em salas de aula. Possibilitou que uma porta fosse aberta e o convite à leitura de HQs fosse feita de forma mais cortês. Elas não somente podem ser utilizadas como material de apoio. Utilizá-la ou rotulá-la dessa forma seria até condená-la a um lugar hierarquicamente falando, menor. Ela deve ser, na minha opinião, avaliada de forma valorizada, pela arte que encerra, pela expressão artística, por exemplo, ou pela forma como é representada, o que a revela como produto cultural que como influencia nosso olhar, e as sinapses que podem resultar de sua leitura.

**15. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?**

Sim, conheço professores que trabalham inclusive com quadrinhos apresentados como fanzine, estimulando os alunos a produzirem suas próprias obras quadrinizadas e isso em várias áreas como biologia, ciências, literatura e outras.

**ANEXO B – Entrevista com a bibliotecária Rita de Cássia (USCS)****1. Qual a quantidade aproximada de HQs em seu acervo?**

Temos 2404

**2. No lugar em que as HQs ficam, há também outros livros que não tem relação com quadrinhos? As HQs são classificadas e recebem Número de Chamada da mesma forma que os livros?**

Inicialmente cadastramos os gibis como periódicos, mas como não são correntes, resolvemos classificar como “livro”, dando um número simples de classificação. Eles ficam arquivados em um espaço especial dentro da biblioteca com sofás, para que possam ser lidos confortavelmente, já que não saem para empréstimo.

**3. As Histórias em Quadrinhos são vistas e tratadas pelos bibliotecários como obras com conteúdo informacional ou são usadas somente como leitura ocasional?**

São tratados como obras com conteúdo informacional e somente podem ser lidos dentro da Biblioteca.

**4. Acha que uma HQ pode ter conteúdo informacional compatível com os livros?**

Em parte sim, mas de forma mais concisa e objetiva, devido mesmo ao formato de cada um.

**5. Você acha que uma gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou ela pode existir de forma independente?**

Acho que depende do tipo de biblioteca. Nós temos uma coleção variada, mas sem continuidade. O acervo aumenta somente por doação, mas mesmo assim é uma parte importante do acervo, pois temos os mais variados títulos e tipos. Acredito que possa sim haver um espaço dedicado exclusivamente para quadrinhos, principalmente porque percebo um interesse muito grande por parte dos usuários da biblioteca.

**6. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca?**

Acredito que possa funcionar, mas com finalidade de consulta e não empréstimo, já que gibis são frágeis e difíceis de serem repostos.

**7. No caso de ser parte de uma biblioteca, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela? Entende que a gibiteca deve ter autonomia sobre seu acervo e sobre seu processo de formação de coleções?**

Tudo depende do tamanho e finalidade do acervo. Aqui temos um espaço junto aos periódicos com sofás para que as pessoas possam ler os gibis, que têm um tratamento próprio. Toda coleção foi doada por um colecionador que visava mais os tipos de gibis existentes do que uma coleção com continuidade, por isso acrescentamos ao acervo somente gibis doados, sem uma política de desenvolvimento de coleção.

**8. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma importância nessa tarefa?**

Acredito que todos os profissionais envolvidos com educação devem incentivar a leitura de quadrinhos e não tenho sentido preconceito com relação a eles. Percebo que atualmente os quadrinhos de super heróis é objeto de coleções e troca de idéias, principalmente porque o cinema se apossou dos personagens e, em alguns casos, até desenvolveu histórias a partir do que já havia nos quadrinhos.

**9. Existem projetos educacionais na faculdade de São Caetano trabalhando a análise do conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?**

O conteúdo dos gibis é discutido nos cursos de comunicação, mas não existe nenhum projeto específico. O que normalmente acontece é que a gibiteca, de um certo modo, funciona como um incentivo à leitura, já que é um material que se lê rapidamente, sem muito compromisso, mas nem por isso deixa de ter seu valor para formação de leitores.

**10. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), têm comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo o país. Você acha que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?**

Hoje existem muitas matérias que são explicadas através de história em quadrinhos, acho interessante porque a ilustração complementa a informação, mas como disse na resposta anterior, acho que como material de apoio é interessante, por sua concisão e objetividade.

**11. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?**

Temos aqui na Universidade um professor que se utiliza e que inclusive tem livros lançados sobre a história em quadrinhos. O nome dele é Prof. Roberto Elísio dos Santos.

**ANEXO C – Entrevista com o bibliotecário Hugo Abud (Gibiteca Henfil)****1. As HQs da gibiteca passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O acervo de HQs cresce também através de doações?**

A Gibiteca tem um acervo bastante peculiar quanto à seleção, pois recebemos 95% do acervo através de doações, muitas delas são repetidas (duplicatas), portanto contamos com um acervo de reposição destas HQs seriadas que podem ser também encaminhadas para outras bibliotecas e/ou instituições que tenham interesse em recebê-las, desde que essas instituições sejam públicas.

**2. Se 95% do acervo vem de doações, os outros 5% vem de onde?**

Outros 5% são relativos à compra de acervo, com verba da secretaria de cultura da prefeitura da cidade de SP, destinada para este fim.

**3. As HQs são classificadas e recebem Número de Chamada da mesma forma que os livros?**

Sim, as HQs são classificadas conforme a predominância do assunto: humor, aventura, terror, biografias e não ficções. Encaminho meu artigo que escrevi sobre esse assunto (<http://pt.scribd.com/doc/109278898/Catalogacao-de-Historias-em-Quadrinhos-uma-metodologia-de-trabalho#scribd>).

**4. Como você vê os quadrinhos do ponto de vista do conteúdo informacional? Nesse aspecto, as HQs podem ser comparadas aos livros?**

As HQs atendem a uma demanda editorial da época, relacionada ao mundo dos quadrinhos, da cultura pop, do cinema, do universo geek... Portanto é difícil comparar HQs com livros. Existem trabalhos de HQs autorais que estão tomando conta de um nicho editorial no Brasil, mas não sou especialista nisso para te afirmar categoricamente como anda esse processo. Um exemplo claro disso é a alta produção das HQs independentes e o crescimento de eventos como UGRA ZINE FEST.

**5. Acredita que uma Gibiteca pode existir de forma independente, ou seja, fora de uma biblioteca? Nesse caso, a presença de um bibliotecário é importante? Esta gibiteca deve funcionar como se fosse uma biblioteca?**

A linguagem biblioteconômica oferece ferramentas que auxiliam a organização e disposição do acervo, mas a meu ver, como bibliotecário, acredito que uma Gibiteca funcionaria bem melhor fora do padrão de biblioteca que temos no Brasil. Acho fundamental o papel do bibliotecário como responsável por toda a organização técnica do acervo, mas enquanto espaço de fruição, discussão e se tornar um polo teórico na área, o correto era contar com pesquisadores e fãs de HQs, pois são eles que entendem e conhecem as especificidades desse universo.

**6. Existem oficinas de leitura com quadrinhos aí na Gibiteca, trabalhando o conteúdo das HQs? Em caso afirmativo, são voltado para que público?**

Não existem oficinas de leitura, somente oficinas de desenho, roteiro e workshops.

**7. Quais são as outras atividades com HQs que vocês realizam e para que público?**

Realizamos exposições, oficinas de HQs, palestras, workshops, treinamento de bibliotecários da Rede Municipal de Bibliotecas e etc. Todos eventos direcionados para o público de HQs. Algumas oficinas são direcionadas a jovens e crianças.

**8. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação ao conteúdo informacional dos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma responsabilidade nesta tarefa?**

O Papel do bibliotecário é fundamental, pois as HQs geralmente são tratadas de forma diferente nas bibliotecas, ou são armazenadas em caixas separadas do acervo sem nenhum tratamento ou são simplesmente descartadas... Mal sabem meus colegas que muitos leitores são fãs de HQs ou gostam de ler como passatempo ou mesmo como leitura auxiliar. Falta mais informação para os colegas, por isso tenho publicado artigos e conversado com os colegas profissionais sobre a busca, a divulgação e a importância da leitura das HQs. Todos os profissionais, tanto na Academia quanto nas escolas tem essa responsabilidade, a de desmitificar a leitura e o preconceito que ainda existe com as HQs. É triste, mas é visível esse preconceito.

**9. Desde 2006, o MEC, através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), têm comprado anualmente quadrinhos para as bibliotecas escolares de todo o país. Vocês acham que as HQs podem ser usadas nas escolas e faculdades como material de apoio, independente da série e da matéria?**

Sem dúvida, todas as séries escolares, bem como na Universidade. Nosso público é boa parte de estudantes à procura destas HQs selecionadas pelo PNBE.

**10. Conhece algum professor que tenha feito uso de quadrinhos em sala de aula?**

Sim, temos alguns professores que indicam nosso acervo para seus alunos.

**ANEXO D – Entrevista com o professor Waldomiro Vergueiro (ECA-USP)****1. Qual a quantidade aproximada de HQs em seu acervo?**

Temos um acervo de quadrinhos, que fomos constituindo ao longo do tempo, a partir de doações, revistas que comprei em duplicata ou material que achei a bom preço em sebos e livrarias. O acervo é exclusivo para uso dos pesquisadores do Observatório e tem a finalidade de conter amostras de revistas em quadrinhos de todos os tipos e gêneros, inclusive em outros idiomas, de forma a propiciar um panorama da produção quadrinística mundial. Não buscamos coleções completas, mas acabamos tendo várias delas. Atualmente, temos cerca de 13 mil revistas em nosso acervo.

**2. As HQs passam por seleções e aquisições periódicas como os livros? O tratamento de catalogação dessas HQs é igual aos livros?**

Não temos verba própria. Assim, o acervo se desenvolve apenas a partir de doações. A maioria são revistas de histórias em quadrinhos, com uma pequena parte de graphic novels. As revistas são organizadas em ordem alfabética e registradas em listagem do Word. As graphic novels ainda não receberam tratamento, foram apenas colocadas em ordem alfabética de autor. Grande parte do acervo ainda se encontra sem tratamento, pois não temos pessoal especializado para isso.

**3. Existe empréstimo de HQs?**

Apenas para os pesquisadores do Observatório, a critério do coordenador.

**4. O acervo de HQs cresce também através de doações?**

Esta pergunta foi respondida acima, na pergunta 2.

**5. Como é a organização do acervo da ECA? As HQs ficam no mesmo ambiente que livros?**

A ECA tem um acervo de histórias em quadrinhos próprio, que não tem relação com o Observatório. Os quadrinhos ficam em ambiente separado dos livros.

**6. São poucas as bibliotecas que têm um espaço destacado para os quadrinhos, como a Biblioteca Sergio Milliet, do Centro Cultural São Paulo,**

**onde esta seção é chamada de Gibiteca Henfil. Na sua opinião, numa biblioteca, deve haver este destaque ou as HQs devem ficar no mesmo ambiente dos livros?**

Eu penso que gibitecas são coleções especiais e devem ter um destaque em relação ao restante do acervo. Assim, sou plenamente favorável que elas tenham um ambiente separado, com tratamento adequado e utilização apropriada.

**7. No caso da Gibiteca ser parte de uma biblioteca ou de uma escola, você acha que deve haver um bibliotecário responsável por ela? Entende que a Gibiteca deve ter autonomia sobre seu processo de formação de coleções?**

Entendo que o ideal seria a Gibiteca ter um bibliotecário responsável exclusivamente por ela, pois isso ajudaria na especialização do tratamento e do atendimento ao público. No entanto, entendo que nem sempre isso é possível, devido a dificuldades de pessoal nas bibliotecas; de qualquer forma, é importante que o bibliotecário responsável pela Gibiteca tenha claras suas responsabilidades em relação a esse acervo, que tem características próprias e exige dele uma atenção diferenciada em relação ao restante do acervo sob sua responsabilidade. Isso significa, também, que no processo de formação de coleções as gibitecas recebam uma atenção especial, com definição apropriada de critérios de seleção, de fontes de aquisição, e de uma política de desenvolvimento de coleções própria.

**8. Acredita que uma Gibiteca deve ser parte de uma biblioteca ou existiria alguma vantagem nela existir de forma independente? Pergunto porque os fãs de quadrinhos costumam se manifestar e debater de forma empolgada e ruidosa. Acha que isto pode ser um problema numa biblioteca? Será que a gibiteca independente atrairia mais fãs do que na biblioteca?**

Eu não tenho uma resposta fechada para essa questão. Tudo vai depender das circunstâncias e das possibilidades locais. Se for possível uma Gibiteca independente, ótimo, pois isso poderia garantir um serviço especializado para os fãs e leitores de quadrinhos em geral. Se não for, que ela seja parte da biblioteca pública, como uma seção especializada. Acho interessante a Gibiteca como parte da biblioteca pública, pois assim muitas pessoas que não se interessam por quadrinhos podem ter a possibilidade de ser atraídas por eles. Não acho que a forma de manifestação dos fãs de quadrinhos represente um problema para a biblioteca; tudo

depende do estabelecimento de regras claras, que permitam a convivência harmoniosa entre leitores de quadrinhos e demais leitores.

**9. No caso de existir uma gibiteca independente, você entende que ela deve funcionar como se fosse uma biblioteca, usando as mesmas técnicas biblioteconômicas e com a presença de um bibliotecário?**

Não vejo por que ser diferente. No entanto, entendo que a Gibiteca independente deve ter uma atenção especial para a realização de atividades ligadas a histórias em quadrinhos, como feiras de trocas, oficinas, encontros de fãs, lançamentos de obras e encontros com autores, para que ela seja um centro de cultura em torno dos quadrinhos e não apenas um acervo.

**10. Existem projetos educacionais na ECA debatendo o conteúdo das HQs, ou voltados para formação de leitores, como oficinas de leitura com quadrinhos? Caso afirmativo, são voltados para os alunos ou para o público em geral?**

Temos alguns projetos nessa linha, que pretendemos iniciar no ano que vem. O primeiro será um relacionado com mangás, que provavelmente será oferecido em janeiro. No entanto, saliento que esta é uma atividade marginal do Observatório de Histórias em Quadrinhos, pois nosso objetivo não é o ensino de como fazer quadrinhos, mas a discussão acadêmica em torno deles.

**11. Como vê o papel do bibliotecário na tarefa de diminuir o preconceito em relação aos quadrinhos? Acha que outros profissionais, como professores e pesquisadores têm a mesma importância nesta tarefa?**

Acho que os bibliotecários têm um papel fundamental na divulgação da importância e do valor das histórias em quadrinhos, tão importante quanto o dos professores. Não colocaria um acima do outro.

**12. Na ECA os quadrinhos são usados regularmente para trabalhar o conteúdo das matérias nas salas de aula?**

Eu não diria regularmente. Mas são utilizados por vários professores e inclusive contamos com uma disciplina especializada sobre quadrinhos, no Curso de Editoração.

## ANEXO E – Carta de Autorização - Edilaine Correa (PUC-SP)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS BIBLIOTECÔNICOS - DEPB  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA - EBB

De: Profª M.Sc. Marília Amaral

Para: Edilaine Correa Gonçalves  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Assunto: Solicitação de autorização para uso de informações em TCC

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2015.

Eu, Profª. Marília Amaral Mendes Alves, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do discente Marcelo Lício de Jesus, aluno do 10º período em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), venho pelo presente solicitar autorização da pesquisadora Edilaine Correa Gonçalves, para que as informações contidas em sua entrevista possam ser usadas no TCC do referido discente.

Contando com a sua colaboração, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

Profª. Marília Amaral Mendes Alves  
Chefe do Departamento de Estudos e Processos Bibliotecômicos (DEPB)  
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
Av. Pasteur, 456 - Urca  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - 22290-240  
Tel: +55 (21) 2542-1118  
[marilia.amara@ufes.com.br](mailto:marilia.amara@ufes.com.br), [cesbib@unirio.br](mailto:cesbib@unirio.br)  
<http://www.unirio.br>

Agradar, Marília  
Autorizo a divulgação  
da entrevista  
compreendendo que  
o compartilhamento de  
pesquisas, serve para  
as instituições e cultura  
alternativamente

Edilaine Cor.  
SP 12/11/15